

 **BILLABONG**



TAJ BURROW
/COMPLETE BOARDSHORT

www.billabong.com/br
www.twitter.com/billabongbrasil
www.facebook.com/billabongbrasil

LIFE'S
BETTER IN
BOARD
SHORTS

OSCAR FREIRE (SP) • MORUMBI SHOPPING (SP) • SHOPPING HIGIENÓPOLIS (SP) • SHOPPING IBIRAPUEIRA (SP) • SHOPPING IGUAQUEMI (ALPHAVILLE) • SHOPPING SP MARKET (SP) • PARK SHOPPING SÃO CAETANO (SP)

SHOPPING BARRA SUL (PA) • BALNEÁRIO CAMBORIÚ (SC) • SHOPPING VITÓRIA (ES) • BARRA SHOPPING (RJ) • PÁTIO SAVASSI (BH) • SALVADOR SHOPPING (BA) • SHOPPING BOURBON (RS) • GOIÂNIA SHOPPING (GO)

VOCÊ PODE FICAR NA
DÚVIDA SE O MELHOR MAR
É PIPELINE, SUNSET
OU WAIMEA. MAS QUANDO
CHEGAR NA AREIA
ACABAM AS DÚVIDAS DE
QUAL O MELHOR CHINELO:
NOVO RIDER.

 rider



lojarider.com.br
facebook.com/RiderOficial
twitter.com/sigarider



APRESENTA:

 **BILLABONG**

R AMÉRICA DO SUL
BRASIL 9 A 20 DE MAIO 2012
BARRA DA TIJUCA / ARPOADOR / CANTO DO RECREIO **I**



O PRO


billabong.com/br
twitter.com/billabongbrasil
facebook.com/billabongbrasil
twitter.com/BillabongProBR
facebook.com/BillabongProBR

APOIO:



MÍDIA OFICIAL:



REALIZAÇÃO:



RVCA



ALEX KNOST

LOCATION / MEXICO

THE BALANCE OF OPPOSITES
RVCA.COM



VA



HD POLARIZED



©2012 Oakley, Inc. | All Rights Reserved | SAC 4003-8225 | Facebook.com/OakleyBrasil

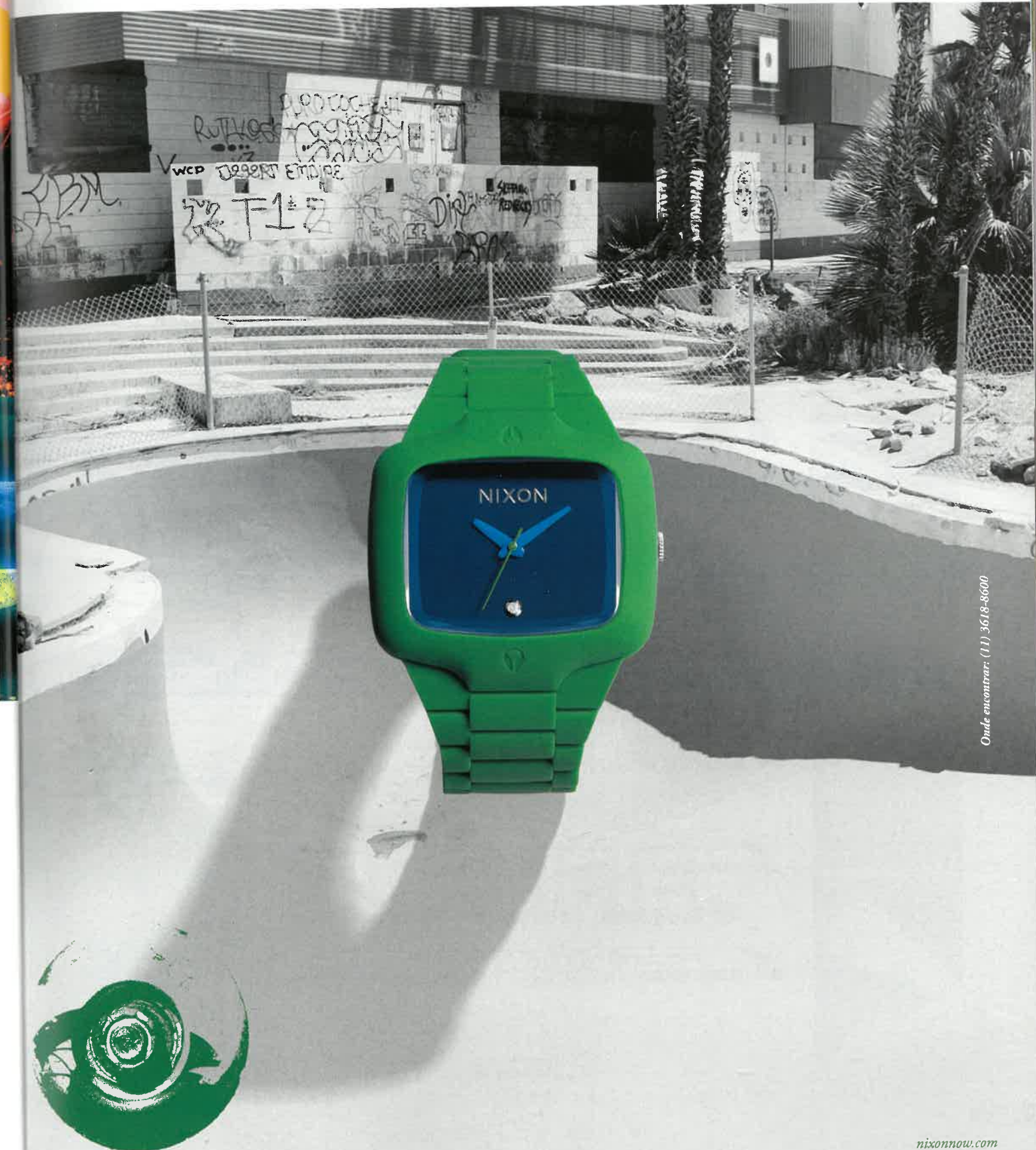
ONDE ARTE E
CIÊNCIA COLIDEM

DEVIATION™ POLARIZADO

OAKLEY

A imagem da capa ALMA SURF 67
Campanha "Rio 2016, Surf nas Olimpíadas"; Cássio Leitão

In a desert of despair, an oasis of innovation.
The Rubber Player.



Onde encontrar: (11) 3618-8600

nixonnow.com

EDITORIAL

por Romeu Andreatta



Rio 2016 Surf nas Olimpíadas

A Alma Surf encabeça um movimento mundial para incluir o surf nos Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro, que parece ser um pouco desconexo das nossas propostas, posturas e visões do que é e do que representa o surf. Não, amigos, queridos leitores, ao contrário, é absolutamente alinhado com nossa primeira premissa em relação ao esporte dos deuses: "Tratar com precisidade, nobreza e excelência o surf e a praia". É exatamente o que representa clamar o direito de, primeiro, o Rio sediar esta evolução e reconhecimento de um esporte que está mais do que maduro para ser olímpico. E segundo, nada mais precioso e nobre para um esporte do que ser olímpico. Esta edição marca o início de uma campanha mundial que pretende ter 100 milhões de pessoas engajadas no mundo todo. Precisamos, juntos, fazer as autoridades perceberem

nosso tamanho e força! Estive inseguro e confuso sobre a melhor estratégia para que consigamos nosso objetivo. Mas foi na leitura de uma matéria indicada por uma das nossas jor-

nalistas, com uma forte e decidida declaração do mestre Gerry Lopez, que clamou a oportunidade de termos o surf nas Olimpíadas, que enxerguei o caminho. Foi a gota d'água para que eu percebesse que a estratégia seria a de sempre: coração, paixão e obsessão como ferramentas; e a convicção de que o surf merece muito mais do que tem. Estamos com apoios fortíssimos de entidades, empresários e políticos. Porém, nosso maior apoio é o seu, que vai se transformar em muitos outros ao seu redor. Família, amigos e colegas, e assim vamos ter uma rede enorme e atuante, com certeza também apaixonada e obcecada em poder transformar nosso amado surf em esporte olímpico. Vamos ver o Rio e o surf juntos em 2016 como nunca vimos em precisidade e nobreza. Surf esporte, surf arte, surf religião. Surf nas Olimpíadas no Rio em 2016.

Aloha Romeu

A ALMA SURF encabeça um movimento mundial para incluir o surf nos Jogos Olímpicos de 2016 no Rio. E foi na leitura de uma forte e decidida declaração do mestre Gerry Lopez, que clamou a oportunidade de termos o surf nas Olimpíadas, que enxerguei o caminho. Foi a gota d'água para que eu percebesse que a estratégia seria a de sempre: coração, paixão e obsessão como ferramentas; e a convicção de que o surf merece muito mais.



16 **SPORT SURF: HAWAII, MECA Brasil: Alavanca Olímpica / Reinaldo Andraus**

20 **RIO 2016: SURF NAS OLIMPÍDAS Doc. Histórico / Adriano Vasconcellos**

42 **ENTREVISTA: ADALVO ARGORLO Confederação Brasileira de Surf / Rio 2016**

46 **ENTREVISTA: FERNANDO AGUERRE ISA / Esporte Surf nas Olimpíadas**

52 **PIPELINE STADIUM O grande Coliseu do Surf / Rosaldo Cavalcanti**

68 **PIPE MASTERS: Goofies VS Regulares, e outras histórias / Ben Marcus**

78 **AIR JAWS Desafio aos limites da remada / Patrick McFeeley e Yuri Soledade**

92 **DNA Olimpíadas do Esporte: Cuidar da base / Rico de Souza**

94 **SURF ETERNO Surf: Sonho Olímpico. A vitrine do 'real feeling' / Taiu Bueno**

almasurf

nº67 jan/fev 2012
 Improve Produção e Curadoria Editorial SA
 Maria Dias Carvalho
 GEO Eventos SA

Publisher: Romeu Andreatta Filho

Diretor Editorial: Adriano Vasconcellos vasconcellos@almasurf.com.br
Editor convidado USA: Ben Marcus
Direção de Arte: Marcelo Banlaky
Editora Assistente: Alexandra Larussi
Revisão: Francisco José M. Couto
Gerente de Marketing: Felipe Baracchini
Eventos: Patrícia Mekitarian

Colaboradores

Textos
 Ben Marcus Rosaldo Cavalcanti
 Patrick McFeeley Taiu Bueno
 Reinaldo Andraus Yuri Soledade
 Rico de Souza

Fotografias:

Beto Paes Leme Jim Russi
 Brian Bleimann Kelly Cestari
 Cedric Barros Kirstin Scholtz
 Fedoca Patrick McFeeley
 Ghiglia Robertson
 Hank Sean Davey
 Jeff Divine

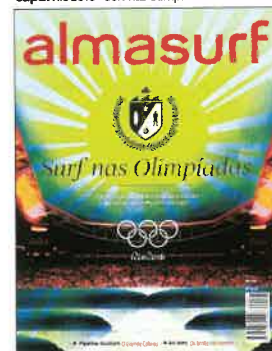
Comercial: Floriano Sales floriano@almasurf.com.br
Tráfego: João Carlos Ferreira de Araújo
Serviço: Dórcas Rodrigues Xavier
Financeiro: Fabio Pilch financeiro@almasurf.com.br
Distribuição: Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações
Impressão: IBEP Gráfica

Jornalista Responsável:
 Adriano Vasconcellos M19 45720

A revista Alma Surf é uma publicação bimestral da Improve Produção e Curadoria Editorial Ltda. As matérias publicadas não refletem necessariamente a opinião da revista e sim a de seus autores.

Correspondência: Rua Dr. Fonseca Brasil, 295
 Morumbi - São Paulo - SP - 05716-060
 Fone: 55 (11) 3744-3711 almasurf@almasurf.com.br
Para assinar: (11) 3744-3711 assinatura@almasurf.com.br
Tiragem desta edição: 25.000 exemplares

Capa: Rio 2016 - Surf nas Olimpíadas: Cássio Leitão



www.almasurf.com



NEW

AMPLIFIER

AVIATOR



EVOKE.COM.BR

SURF SPORT

Reinaldo "Dragão" Andraus

HAWAII Ainda a meca

Na coluna da edição anterior apontamos as transformações que o esporte surf pode enfrentar ao longo desta década de 10. Ao mesmo tempo que fatos contundentes como todo este movimento para transformar (finalmente) o surf em esporte olímpico vem tomando forma, tendo o Brasil como alavanca inicial, algumas verdades no mundo do surf são imutáveis, uma delas é esta sensação de adentramos ao verdadeiro coliseu do surf durante os eventos de uma North Shore season.

Os anos passam, o surf não para de evoluir, muda, se renova... Porém, quando chegamos ao momento da temporada havaiana, as ondas falam mais alto, e os verdadeiros surfistas tomam a frente. Como não poderia deixar de ser, a nova geração mostra para o que veio.

A CADA TEMPORADA...

A temporada ainda está em curso, cada qual tem a sua história em termos dos swells que ficaram marcados e dos surfistas que aproveitaram a oportunidade para cravar seus nomes nessa galeria. A galeria de imagens e resultados que ficam registrados para a posteridade, pela imprensa do surf, a cada nova estação havaiana. Para nós, da imprensa, exercitar esse jogo de

John John Florence (campeão), Hank Gaskell (2º), Michel Bourez (3º) e Adam Melling (4º) - que não aparece na foto - durante a premiação do Vans World Cup of Surfing, etapa da Tríplice Coroa realizada em Sunset, Hawaii

John John Florence foi o atleta mais jovem a estampar a capa da Surfer Magazine. Ele tinha 8 anos de idade quando saiu na capa do "big issue" anual de 2001. Agora, fez 19 anos no último dia 18 de novembro, e com essa idade sagrou-se o mais jovem campeão da Tríplice Coroa Havaiana. John John é um cometa brilhante em ascensão, com chances concretas de se transformar no próximo campeão mundial havaiano.

"adivinhação" lastreados por fatos concretos é uma das tarefas mais palpitantes. Tem situações em que tudo fica mais fácil. Vamos voltar três décadas, até os anos 1990, quando surgiu o primeiro vídeo de Kelly Slater - In Black and White. A cena da "morning of the finals", a manhã das finais, em Trestles, ficou marcada como um dos pontos altos. O surf feito ali era o novo horizonte. Em 1992 veio o título da ASP (aos 20 anos), e ele se transformou no mais jovem campeão mundial profissional. Esse recorde está prestes a ser batido. Porém, o outro, que ele acaba de estabelecer: o de mais velho campeão da ASP, esse eu não tenho ideia nem arrisco palpar. Quem terá cacife para arrebatar-lo de Mister Slater? Vai acontecer, não sei quando, mas vai... Então, vamos nos ater ao que está cristalino agora. A física me contradiz um pouco, e o lugar no universo no qual nascem estrelas é chamado de nebulosa, mas o vício jornalístico me leva a apontar o arco e mirar. E não há nada de nebuloso nesta nova estrela.

BERÇÁRIO DE ESTRELAS

John John Florence foi o atleta mais jovem da história a estampar a capa da Surfer Magazine. Ele tinha 8 anos de idade quando saiu na capa do "big issue" anual, lançado no verão de 2001. Uma década mais tarde, ele deixa uma marca muito mais forte que essa. John Florence ainda tinha 18 anos quando teve início a Tríplice Coroa Havaiana de 2011. Fez 19 anos no dia 18 de novembro, e com essa idade sagrou-se o mais jovem campeão da série havaiana de eventos. Os irmãos Ho - Kong, Sunny e Andy - estão para

ser deixados para trás no quem é quem das Triple Crowns. Tudo começou com a vitória na Vans World Cup, em Sunset Beach, aliás, antes ainda, quando J. J. perdeu a final de Haleiwa por pouco, ficando em quinto. Outro quinto no Pipe Masters, com notas 10 e performances espetaculares, apenas adiaram o que já sabemos que vai acontecer diversas vezes nesta década. John perdeu para Kelly no Billabong Pipeline Masters de 2011, em mais uma daquelas jogadas de estratégia sensacionais do megacampeão. Vitórias no Pipe Masters virão... Já estamos em 2012, quando John John vence, pelo segundo ano consecutivo, o Volcom Pipe Pro, em ondas (acreditem) ainda mais espetaculares que as do Pipe Masters. Fazendo o "jogo" de Slater para virar sobre o tarimbado Jamie O'Brien nos instantes finais da bateria decisiva. Gladiador, esse é um bom adjetivo para John Florence nesse evento, levando um troféu que faz jus à sua atitude. Ele chegou a cogitar de nem participar do evento, correu com uma bandagem no pulso e dores nas costas. Em ondas pesadas, desfilou uma categoria sem par entre os jovens havaianos. John John Florence é um cometa brilhante em ascensão, com chances concretas de se transformar no próximo campeão mundial havaiano.

Caio Ibelli venceu o australiano Garrett Parkes numa bateria para desempate em Burleigh Heads. A superioridade do brasileiro no World Junior Championship 2011 foi sublinhada pelo quadro de juízes internacionais

UM ANO MÁGICO PARA O BRASIL

Em 2011 tivemos um dos anos mais memoráveis para o surf brasileiro. Será que podemos esperar para 2012 uma performance geral de contundência similar? Será difícil, mas como diria nosso compositor argentino, Kevin Johansen: "Sonhar não custa nada!" Nascido no Alasca, Kevin mudou-se para a Argentina ainda jovem. A canção ganhou uma versão brasileira na voz doce de Paula Toller: "À Noite Sonhei Contigo". Vamos lembrar as façanhas mais importantes dos surfistas brasileiros em 2011. Mantendo o clima de temporada havaiana, o feito mais notável e financeiramente mais gratificante ficou por conta de Danilo Couto com o Ride of the Year, no Billabong XXL. Marcos Monteiro abriu a temporada de ondas grandes na remada vencendo a etapa do Chile. Leco Salazar venceu a etapa brasileira do mundial de SUP e terminou o ano como vice-mundial da modalidade. Mineiro e Medina levaram duas etapas do WT cada um, quatro para o Brasil em uma única temporada, façanha 100% inédita. Fora as outras vitórias de Gabriel no WQS e sua ascensão meteórica no ranking. A classificação de Miguel Pupo e suas duas vitórias na terra de Tio Sam. Alejo quebrou em Noronha. Ricardo dos Santos imperou no trials de Teahupoo. Por todo lado "apavoramos". Nossos juniores abriram o ano de 2011 jogando pesado, e é com esses novos talentos que vamos fechar a coluna. Petersinho Crisanto levou o Hurlley Pro Junior na Austrália e já levou mais um, o Oakley Pro Junior em Stradbroke Island, de 2012, evento vencido em 2011 por Krystian Kymerson. Yan Daberkow foi mais um brasileiro a levar o King of the Groms na França. Filipe Toledo deixou os juniores favoritos falando sozinhos no US Open. Mas temos de fechar a parada com a vitória de Caio Ibelli, que trouxe de volta para o Brasil o título mundial sub-21, que não era mais nosso desde 2007, com Pablo Paulino.

A FONTE NÃO PARA DE JORRAR

Caio Ibelli vem lastreando uma carreira sólida. Ele é mais um surfista do Guarujá que vem no rastro de Adriano de Souza. Aos 18 anos, Caio, além de um arsenal de manobras hipermodernas, que o levaram ao título do Arnette Pro Junior, segunda etapa do mundial no Rio, mostra ter o cacete para ondas mais pesadas. Vou citar dois episódios fortuitos, mas que vão dando base ao alicerce da carreira. O mais importante, e registrado para a posteridade, é a capa da revista Surfing de dezembro 2010, com um drop no vazio, do segundo andar, numa onda de 4 metros de face na Indonésia. E a sequência no folder, mostrando o resultado. Muito poucos brasileiros estamparam capas das "duas grandes" de San Clemente. Mas o outro registro que eu gostaria de deixar aqui é um tanto quanto pessoal. Já tinha ouvido falar de Caio, até tê-lo visto no mar em Pitangueiras, onde ambos aprendemos a surfar, gerações à parte. Mas o que me arregalou as sobrancelhas foi uma simples rasgada dele vista na internet. O evento: Pena Surf Nordeste de 2010; logo após o Hang Loose daquele ano. Só que no Pena quebraram ondas de 4 metros. Aos 16 anos, ele me deixou perceber, pela web, uma pressão nas manobras, segurança, autoridade... Fora do comum. Hoje, aos 18, ele é campeão do mundo. Vamos um pouco mais longe, sem sair do Guarujá. Adriano de Souza parece ter aberto uma porteira sem precedentes no popular balneário paulista, tamanha a quantidade de bons talentos que estão pipocando dali. Destaco especialmente Eduardo Motta, que ainda vai completar 10 anos. Será ele nosso John John? Mesmo antes de trabalhar na imprensa do surf, tive um faro

Caio Ibelli trouxe de volta para o Brasil o título mundial sub-21, que não era mais nosso desde 2007, com o cearense Pablo Paulino. Caio vem lastreando uma carreira sólida, e é mais um surfista do Guarujá que vem no rastro de Adriano de Souza. Além de um arsenal de manobras hipermodernas... Fora do comum. Hoje, Ibelli, aos 18, é campeão do mundo.

apurado para perceber talentos precoces. Dois exemplos, para não sair do Guarujá, são Taiu e Jorge Pacelli; muito novos, mostrando disposição nos dias de ondas maiores. Mottinha chamou minha atenção ao vencer a categoria infantil do Petrobras nas Ondas. Ele venceu esse circuito atuando contra atletas de até 12 para 13 anos. O resto do Brasil e o mundo têm excelentes talentos pipocando nessa tenra idade. Mas aqui fica meu vício de jornalista. Não resisto a deixar o palpite. O futuro dirá! O que estes garotos da nova geração terão de encarar é, ao mesmo tempo instigante e palpante. As premiações irão crescer vertiginosamente, os formatos de competição tomarão nova forma. A preparação a que os atletas da "nova" elite se submeterão, tudo estará em transformação. O surf do novo milênio vem com este ar de modernidade, inerente ao esporte. A barra sobe a cada ano gradualmente, porém de forma inexorável. O tow surf vai surpreender com novas descobertas, a ASP vai partir do ponto no qual Slater nos deixou para um patamar de nível técnico ainda mais alucinante. Mas acredito que a grande mudança virá com a transformação do surf em esporte olímpico. Piscinas de ondas nos países sede... (os que não tiverem praia). Um sonho distante? Não sei quanto. E garotos como Eduardinho estarão imersos nesse ambiente. **Dragão**

HD



[facebook.com/hdsports](https://www.facebook.com/hdsports) www.hdsurf.com.br twitter.com/hawaiiandreams

GRUPO EXO © - 2012 - FONE: (11) 2665-8731 - PHOTO / ACTION: BETO PAES LEME - STYLE: REINALDO "DRAGÃO" ANDRAUS

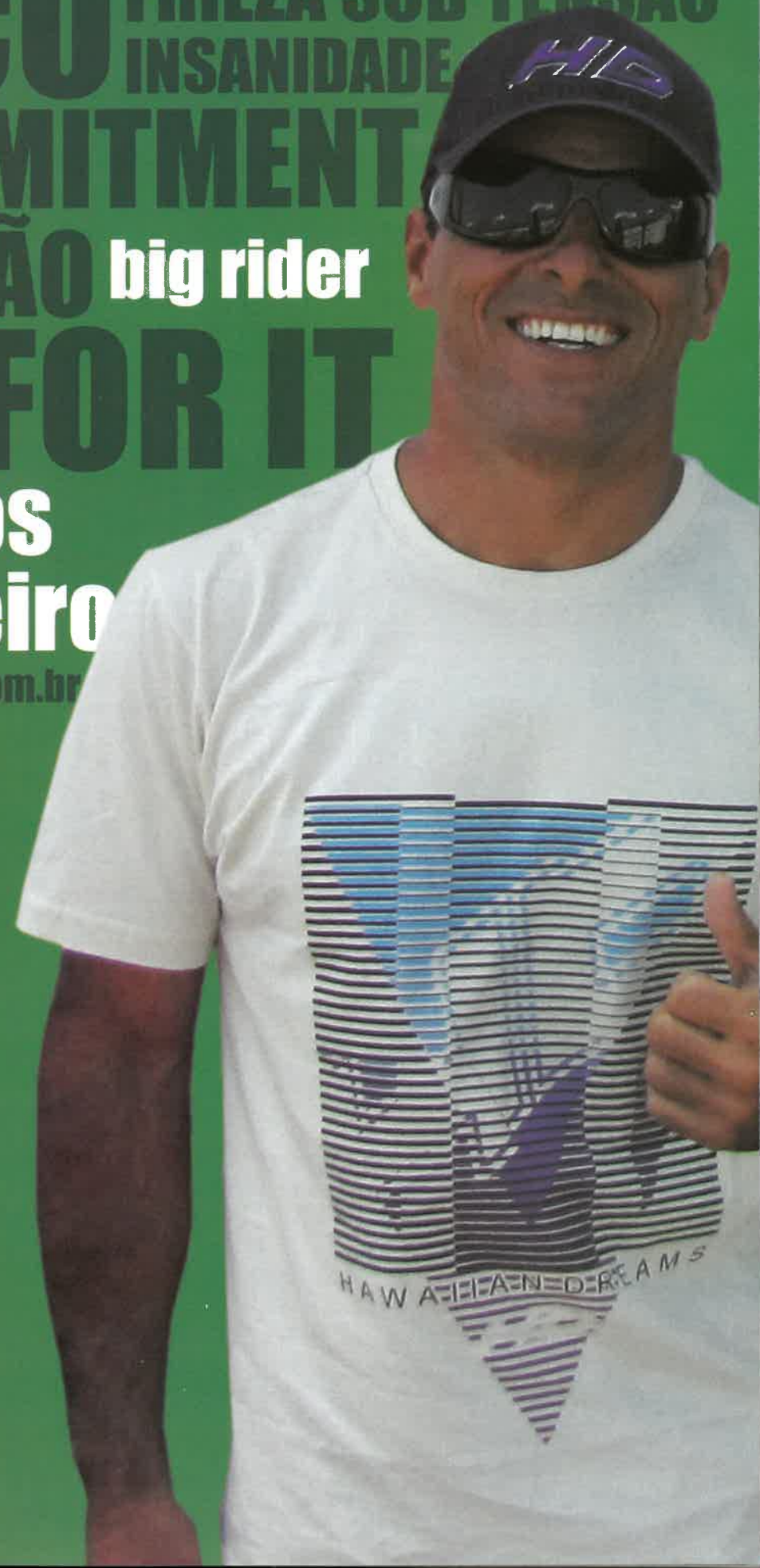
FOCO FRIEZA SOB TENSÃO
COMMITMENT INSANIDADE
EMOÇÃO big rider
GO FOR IT

**marcos
monteiro**

www.hdsurf.com.br



www.hdsurf.com.br





por Adriano Vasconcellos

SURF NAS OLIMPÍADAS



Rio 2016

O SURF

O surf é uma prática esportiva antropológica que, no começo do século XX, através do nadador olímpico Duke Kahanamoku, o mundo conheceu.

É chamado o “esporte dos reis havaianos”.

Essa descoberta mudou a ocupação dos Estados Unidos. A Costa Oeste foi contaminada freneticamente pelo novo esporte entre os anos 1920 a 1950, quando a Califórnia pariu 3 milhões de surfistas.

Com o mundo aberto às pranchas e às ondas, o século XX foi marcado por invenções, construções e consolidações de entidades, ídolos, equipamentos e, mais do que tudo, um mercado de bilhões de dólares e milhões de consumidores.

Hoje, o surf está pronto para ser reconhecido como esporte e continuar encantando mais e mais pessoas ao redor do mundo.

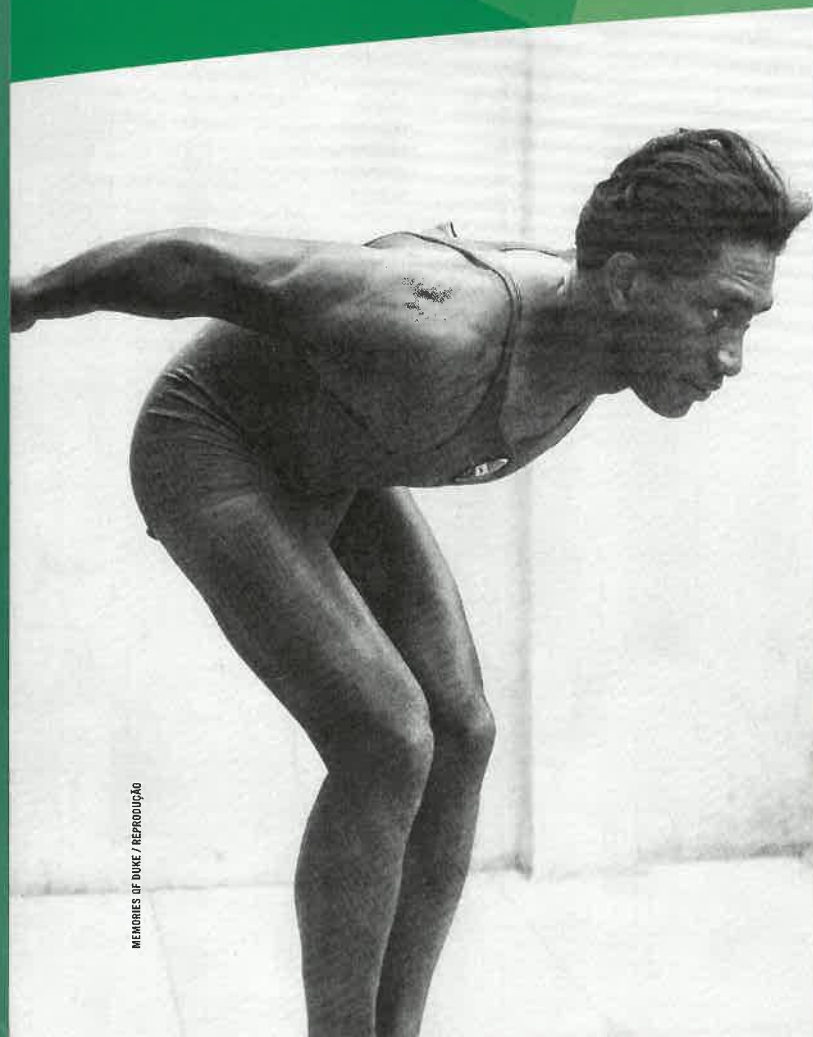
O Brasil tem sido palco das grandes mudanças do segmento, seja no mercado, estereótipos, modelos de negócios, varejo, tendências. É o único país do mundo que adotou para o surf o modelo esportivo tradicional, com federações e confederações, que regem o esporte.

Romeu Andreatta

O Rio de Janeiro tem a grande oportunidade de exibir o surf nas Olimpíadas em 2016.

A ‘Cidade Maravilhosa’ possui muitas ondas que podem receber a competição.

São Conrado, fotografia de Beto Paes Leme

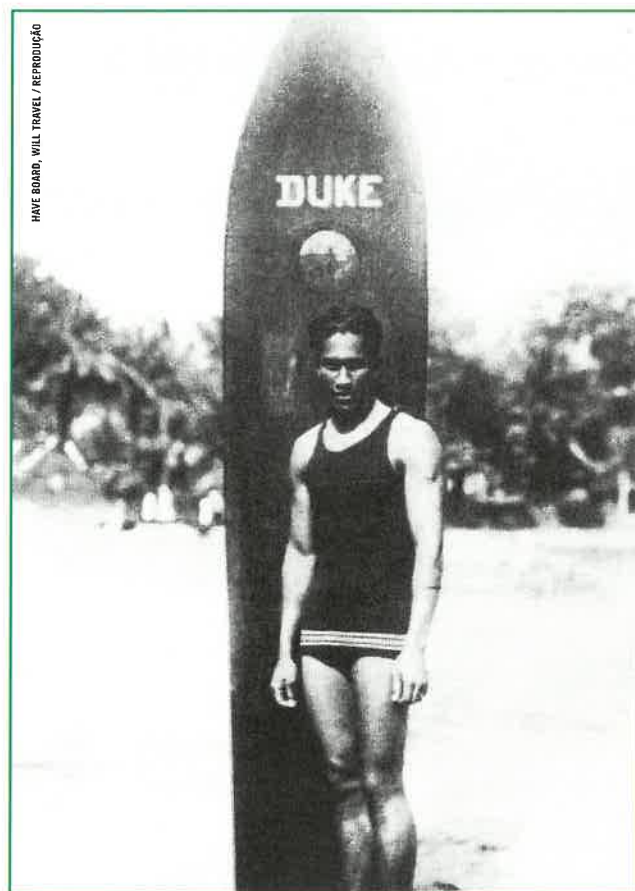


MEMORIES OF DUKE / REPRODUÇÃO

Em sentido horário, Duke Kahanamoku em momentos de surf e olímpicos. Na esq.; sobre o bloco de largada de natação e na fotografia que o eterniza como surfista. Na dir.; Duke surfa no universo competitivo do Havaí; e recebe a Medalha de Ouro nas Olimpíadas de Estocolmo 1912; e junto da equipe olímpica dos Estados Unidos

O Surf nasce como esporte olímpico

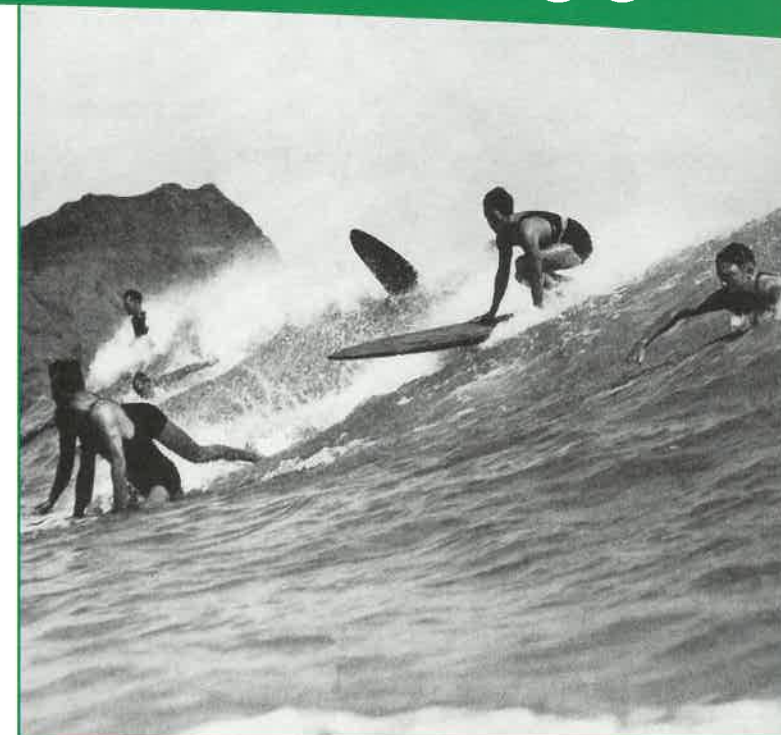
Segundo os historiadores, o surf é um prática esportiva secular, que nasceu na cultura dos povos polinésios das ilhas do oceano Pacífico, tendo o estado do Havaí como o berço. Outra versão afirma que antigos povos peruanos já se utilizavam de uma espécie de canoa confeccionada com palha, em que 'homens do mar' subiam, instrumento chamado de 'caballito de totora', e, com a ajuda de um remo, deslizavam sobre as ondas para retornar à praia. Contudo, realmente, o primeiro relato concreto da existência da prática do esporte aconteceu no Havaí, quando o navegador James Cook, em janeiro de 1778, descobriu o arquipélago havaiano e viu os primeiros surfistas em ação. Segundo Cook, os líderes tribais utilizavam-se inicialmente de grandes pranchas de madeira que eram fabricadas por eles mesmos, em sinal de alívio do negativismo, e por acreditarem no desafio como um verdadeiro culto ao espírito do mar em sua cultura original. No Havaí, no período ancestral, o esporte era permitido apenas aos reis polinésios, devido à nobreza e plástica do chamado 'esporte dos reis', numa clara demonstração de força e relaxamento espiritual, e também da verve competitiva de desafio ao oceano e à natureza.



HAVE BOARD, WILL TRAVEL / REPRODUÇÃO

Duke Kahanamoku: Campeão Olímpico (ESTOCOLMO 1912 / ANTUÉRPIA 1920 / PARIS 1924)

No período moderno, o reconhecimento mundial do surf aconteceu por meio do campeão olímpico de natação, o lendário havaiano Duke Kahanamoku, que iniciou sua história olímpica com a conquista da medalha de ouro nos Jogos de Estocolmo (Suécia), em 1912. A história conta que, em 1911, em Honolulu, na sua estreia em provas competitivas, Duke fez tempos tão abaixo dos records que os membros do comitê olímpico não reconheceram os resultados obtidos. Segundo eles, os cronometristas erraram na contagem do tempo. No ano seguinte, o esportista repetiu o feito numa viagem ao continente (EUA) e garantiu um lugar na comitiva americana rumo às Olimpíadas de Estocolmo, onde bateu o recorde mundial dos 100m livre e recebeu a medalha de ouro das mãos do rei da Suécia. O nadador entrou para a história como o primeiro campeão olímpico havaiano. Duke voltaria a repetir o feito e foi campeão olímpico após a Primeira Guerra Mundial, com novo recorde mundial nos Jogos de Antuérpia (Bélgica), em 1920, condecorado pelo rei da Bélgica. Nos Jogos de 1924, em Paris (França), Duke ganhou a medalha de prata depois de mais de uma década de reinado, ao ser superado pelo romeno naturalizado norte-americano Johnny Weissmüller, um dos maiores nadadores de todos os tempos – anos mais tarde, ficou muito conhecido como ator, tendo sido o primeiro Tarzan do cinema. Foi em Estocolmo, em 1912, que Duke Kahanamoku disse ser surfista e mostrou ao mundo o espírito aloha havaiano. E além de ser um super atleta, ganhou fama e idolatria por seu estilo de vida centrado no mar. Naturalmente, passou a ser o maior divulgador do esporte, transformando o Havaí no mais famoso polo do surf, revelado pela potência de suas ondas. Com as vitórias, records olímpicos, presença de espírito e status de Duke Kahanamoku, chamado de "Pai do Surf Moderno" – nos anos 2000 proclamado pelos especialistas como o "Surfista do Século" –, o surf passou a ser reconhecido mundialmente como esporte. Na década de 1950, a popularidade do surf tomou a costa da Califórnia, formando uma legião de jovens adeptos. Outro surfista, o californiano Tom Blake, totalmente inspirado em Duke, na segunda metade dos anos de 1920, lançou uma prancha oca em formato de embarcação, o que ditou um novo momento e impulsionou outra transformação do esporte, que não parou mais de evoluir. Por sua vez, Duke, que competiu em Olimpíadas por mais de duas décadas, fez sua última aparição oficial em piscinas aos 40 anos de idade, e virou a principal figura do Havaí, endeusado em seu país e respeitado mundo afora por sua história vitoriosa, levando consigo o surf à eternidade do esporte.



MEMORIES OF DUKE / REPRODUÇÃO





O Rio é o berço do surf nacional.
Pier de Ipanema no início dos anos 1970, na fotografia de Fedoca.
O brasileiro Adriano de Souza comemora a vitória na etapa Mundial da ASP
(Surf Profissional) realizada no Arpoador, RJ, Brasil, em 2011



O surf no Brasil ganhou luz no Rio de Janeiro na década de 1970, nas ondas de Copacabana – O Píer de Ipanema foi um dos pilares da contracultura no Brasil. Hoje, a Cidade Maravilhosa recebe a etapa mundial de surf profissional, ASP World Tour

Rio de Janeiro, berço do Surf no Brasil

No Brasil, as primeiras pranchas, então chamadas de “tábuas havaianas”, chegaram a cidade de Santos, litoral de São Paulo, pelas mãos de turistas e funcionários de companhias aéreas. Sabe-se que o esporte foi desenvolvido na Baixada Santista na primeira metade dos anos 1930 com os pioneiros de família americana Thomas Ernest Rittscher e sua irmã Margot, lendas da Baixada Santista que foram os primeiros a surfar no Brasil (Thomas morreu em 2011 em Santos, aos 94 anos). No mesmo período, inspirados na família Rittscher, os brasileiros Osmar Gonçalves e João Roberto Suplicy Haffers, o Juá, construíram suas pranchas e, por isso, também levam os créditos pelo pioneirismo do surf no Brasil. A história de Osmar Gonçalves, que era filho de um exportador de café bem-sucedido – que lhe trouxe dos EUA uma revista chamada Popular Mechanics e, por meio dela, construiu sua prancha oca de 3,60m e 80kg com linhas navais, isso em 1938 –, entrou para os anais, valorizado hoje com uma estátua na orla da praia, uma belíssima e mais do que merecida homenagem da cidade de Santos aos surfistas brasileiros. Contudo, foi no Rio de Janeiro que o surf ganhou popularidade e começou sua influência no estilo de vida praiano, quando na década de 1950 tomou as ondas de Copacabana. O movimento de contracultura dos surfistas eternizou o Píer de Ipanema na virada dos anos de 1960 e 1970, e o surf entrou definitivamente no conhecimento e prática dos brasileiros, que cada vez mais adotam hoje a praia como lar, neste país de quase 200 milhões de habitantes e que tem uma grande concentração populacional na faixa litorânea do oceano Atlântico, com 8.000 km de extensão. No Rio de Janeiro, a partir da década de 1970, foi sendo moldada a maior referência do esporte ligado à saúde e bem-estar, quebra de limites e, principalmente, estilo de vida na praia, representado por um dos ícones cariocas, o esportista Pepê Lopes. Nas décadas de 1970 e 1980, o esporte expandiu fronteiras mundialmente e espalhou-se por todo lugar, fortalecido nos polos surfísticos do Havaí e Califórnia (EUA), e Austrália, dando início às competições profissionais e ao mercado, à moda e à indústria de vestuário e equipamentos. E o Brasil evoluiu junto da modalidade, absorvendo comportamento e tendências e também criando as suas próprias referências, tendo hoje o Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina como as maiores expressões do esporte.



“Rio 2016 pode ser uma ótima oportunidade para uma experiência com o surf. Muita coisa precisa ser observada e feita antes, pois a Olimpíada é um evento muito grande e tudo deve correr perfeitamente bem. Com certeza traria muitos benefícios ao surf no Brasil, como em investimentos do governo no desenvolvimento do esporte.”
Luiz Henrique Campos (Pínga), team manager Oakley (ASP World Tour)



Esporte Surf no Brasil: Números do segmento

O Brasil caminha a passos largos e já é uma grande potência no surf. E de fato tem o cenário mais promissor entre todas as nações; o que acompanha o momento vivido pelo próprio país. Atualmente, o consumo de surfwear, acessórios e equipamentos movimentam R\$ 8 bilhões (US\$ 4,7 bilhões) só no Brasil, em um mercado global que atinge US\$ 20 bilhões ao ano. No Brasil, fatores como o clima tropical favorável, uma costa litorânea muito bem recortada e ampla, e uma ativa população jovem fazem do país um centro altamente viável para esportes como o surf e atividades na praia. Hoje, todas as grandes marcas de surfwear estão presentes no Brasil – Billabong, Quiksilver, Rip Curl – em busca de expansão de branding e de investimentos para crescimento industrial e o estímulo de giro de capital. Além da notável presença cada vez mais marcante de gigantes têxteis de materiais esportivos, tais como a Nike, que tem enxergado o surf como um grande filão de mercado e aplicado novas tecnologias no desenvolvimento de produtos e no patrocínio de novos atletas que estão ingressando com ótimos resultados no circuito mundial profissional. Resultado: criação de campeões, ídolos, e tendências de hábitos e consumo. Vale lembrar que muitos países têm forte concentração do PIB no surf enquanto esporte, o que favorece o dinamismo do turismo esportivo e social. O surf e a praia hoje frequentam amplos aspectos do entretenimento e da criação, tais como expressões artísticas e cultural, decoração e design, atividades lúdicas e movimentos comportamentais. É bastante usado como mote de campanhas publicitárias, que valorizam e bom comportamento dos praticantes que buscam no contato com a praia mais qualidade de vida e bem-estar, além da quebra de limites de performance e o desafio à natureza. Prova disso são os grandes patrocínios de empresas como AmBev (Skol), Grendene (Rider), Petrobras, Volkswagen, Nextel, Phillips, Land Rover, Ford, AlmapBBDO, Peugeot, Coca-Cola, entre outras que são líderes de mercado e grandes potências mundiais. Atualmente o surf tem um expressivo número de praticantes no Brasil, mais de 7 milhões. Se for computado o número de simpatizantes do esporte, esse número aumenta várias vezes. A International Surf Association (ISA) estima o impressionante número de 20 milhões de surfistas ativos, distribuídos por mais de 100 países em todo o mundo, que são regidos por federações locais. O Brasil hoje é uma realidade no esporte, alçado ao topo juntamente com os Estados Unidos e a Austrália, países considerados como as maiores potências do surf mundial. O Havaí, com sua tradição, embora inserido no contexto dos EUA, por ser um estado americano, de certo modo é visto como uma entidade à parte e tem sua própria importância. Junto a ele vêm África do Sul e França, seguidas por outros países da Europa, como Portugal, Inglaterra e Espanha, e das Américas, como o Chile e Peru, que comportam campeões mundiais em categorias distintas e formam um grupo consistente em melhorias e realizações.

Brasileiro Adriano de Souza levanta a taça e leva o público ao delírio no Billabong Pro Rio 2011, realizado na praia do Arpoador



20 milhões de praticantes distribuídos em mais de 100 países
R\$ 8 bilhões de consumo só no Brasil
US\$ 20 bilhões movimentados ao ano no mundo

O Brasil possui 7 milhões de surfistas
O surf é o esporte mais praticado no Brasil depois do futebol
O surfwear é o vestuário mais usado pelo brasileiro (faixa dos 10 aos 35 anos de idade)
As etapas do Mundial são vistas por mais 1,5 milhão de internautas

“Nós, surfistas e profissionais ligados a indústria do surf somos apaixonados pelo que fazemos, e poder transmitir essa paixão para o mundo tendo as Olimpíadas no Brasil como cenário será maravilhoso. A inclusão do surf como modalidade olímpica certamente trará mais praticantes ao país, além de atrair novos simpatizantes e de inspirar a juventude. É uma grande oportunidade de fazer história, mostrando ao mundo a irreverência e a profissionalização do surf.”
Alessandra Berlinck, CEO do Grupo GSM para América Latina.

O Surf enquanto o esporte cresce em todo o mundo

Uma pesquisa realizada pela principal revista do esporte no mundo, a Surfer Magazine, afirma que o Brasil é a terceira nação em número de praticantes, com mais de 7 milhões de adeptos, rivalizando com a Austrália e os EUA. Resultados de outra pesquisa feita por agências de mapeamento esportivo, essa realizada no ambiente nacional, apontam o surf como o esporte mais praticado no Brasil depois do futebol. O surf também é o esporte que mais cresce entre os jovens, por transmitir exatamente a imagem de saúde, diversão e preservação do meio ambiente. No Brasil, existem apenas sete esportes considerados profissionais, e o surf é um deles (futebol, surf, automobilismo, hipismo, golfe, tênis e iatismo). E destes, apenas o automobilismo não é um esporte olímpico. O gênero surfwear é o vestuário mais usado no dia a dia do brasileiro, principalmente nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste do país, na faixa dos 10 aos 35 anos de idade. E o mercado brasileiro é o 5º maior do mundo, com mais de 450 empresas de confecção no setor. Em coberturas esportivas, temos hoje os olhos dos principais veículos e redes de televisão, como as redes Globo, Record, Bandeirantes e Cultura, a TVE Rio e os canais ESPN Brasil e Internacional, SporTV, Fox Sports e AXN, Multishow e OFF, com grande retorno de audiência. Um exemplo são as etapas do Circuito Mundial Profissional (ASP WT), transmitidas ao vivo pela internet para um público estimado em mais de um 1,5 milhão de internautas, números aferidos na etapa do Rio de Janeiro – que recebeu de volta a etapa em 2011 e trouxe novamente o brilho da Cidade Maravilhosa ao Mundial de Surf.

Surf: Vocação para ser um esporte olímpico

O surf é um esporte global, praticado em mais de 100 países de todos os continentes por mais de 20 milhões de pessoas de todas as idades, classes sociais, raças, religiões e gêneros, o que, segundo registros da International Surfing Association (ISA), é um número de praticantes bastante superior ao da maioria dos esportes olímpicos. Precursor de esportes como o windsurf, o snowboard e o wakeboard, esportes olímpicos, o surf conta hoje com enorme prestígio e popularidade graças ao grande número de praticantes e entidades que atuam em prol do esporte. Em recente pesquisa da ISA, oito em cada dez jovens já pensaram em praticar o esporte, sendo que dez em cada dez consomem moda surf efetivamente. Os números do segmento reforçam a pesquisa, apontando uma indústria multibilionária que movimenta anualmente mais de 20 bilhões de dólares. Já as marcas mais legítimas do segmento, como Billabong e Quiksilver, faturam mais de 1 bilhão de euros anuais, em um mercado onde proliferam escolas de surf, fábricas de pranchas, lojas, mídia especializada, equipamentos e tecnologia, que vêm crescendo em torno de 25% a 30% ao ano. Resultados esses que refletem o entretenimento em ação, e mostram o amplo alcance, a relevância e influência do esporte junto ao estilo de vida e a cultura jovem. De acordo com os critérios do Comitê Olímpico Internacional (COI), o surf é considerado uma modalidade relativamente nova, e sua inclusão como esporte olímpico é um tanto complexa; assim como os critérios de avaliação para todas as modalidades esportivas. Contudo, um esporte como o wakeboard, por exemplo, é mais jovem ainda. Por isso, acreditamos que vontade política e sagacidade para o desenvolvimento do esporte podem mudar essa cena.



KIRSTIN / ASP

Ídolo máximo do surf! Kelly Slater comemora o 11º Título Mundial na etapa de São Francisco, EUA, em 2011 – o esportista que quebrou todos os recordes do esporte

“O reconhecimento do surf como esporte nas Olimpíadas de 2016 no Rio, seria a concretização de um sonho de milhões de praticantes ao redor do mundo e o resultado do trabalho de todos aqueles envolvidos na organização esportiva em todos os níveis. Os benefícios seriam inúmeros, do reconhecimento à eventual alocação de verbas governamentais para o desenvolvimento do esporte. O surf é um esporte singular de plasticidade ímpar, e sua inclusão no portfólio olímpico certamente trará benefícios em termos de atração ao público e retorno aos patrocinadores.”
Renato Hickel, ASP World Tour Manager

Surf, esporte de ídolos e grandes campeões Kelly Slater, o maior campeão de todos os tempos

O americano Kelly Slater é o atual campeão mundial de surf profissional e o maior campeão de todos os tempos. Atleta de alta performance, venceu um total de 11 campeonatos (1992, 1994, 1995, 1996, 1997, 1998, 2005, 2006, 2008, 2010, 2011) e quebrou todos os recordes do esporte. Kelly Slater também conquistou o maior número de etapas, 48 pela divisão principal, num total de 70 finais, e ostenta a marca de ser o mais jovem e também o mais velho campeão mundial da história, com 20 e 39 anos respectivamente. Ele também já venceu o Eddie Aikau (em 2004), o mais prestigiado campeonato de ondas grandes do mundo, realizado na praia de Waimea, na ilha de Oahu, no Havaí. Figura constante nos mais prestigiados eventos esportivos, e premiado com todas as honrarias do esporte, Kelly possui reconhecimento internacional e, principalmente, voz ativa junto à Association of Surfing Professionals (ASP), organização que dirige o esporte profissional. Slater, como um embaixador do surf, elevou os níveis de competição ao extremo e provou estar à frente de seu tempo. É um defensor de novos formatos para o esporte, e faz campanha para o surf ser incluído nos Jogos Olímpicos. Suas sugestões abrem possibilidades até para a construção de piscinas com ondas e de fundos artificiais em praias sem ondas, para a prática mais constante do esporte no mar, além de ações que viabilizariam a modalidade em qualquer condição.

**Kelly Slater: 11x campeão mundial!
Venceu 48 etapas do World Tour
O Maior Campeão de Todos os Tempos
O 'Embaixador do Surf' no mundo**



Gabriel Medina, o Neymar do surf

O Brasil tem hoje o surfista mais badalado e promissor da atualidade: Gabriel Medina. Menino de boa família e cria do litoral norte de São Paulo, o atleta entrou no Mundial no meio do ano de 2011 – o mais jovem brasileiro a ingressar no selete ASP World Tour – e já ganhou mais do que qualquer outro no mesmo período de entrada no Circuito Profissional da ASP. Gabriel Medina virou celebridade entre a mídia internacional e um ídolo precoce para os jovens brasileiros que simpatizam com o ambiente de praia. Aqui no Brasil, já podemos chamá-lo de o 'Neymar do Surf', devido a sua alta performance e seu surf ultramoderno e futurista. Aos 17 anos, ele encantou o mundo com seu jeito de moleque e surf de gente grande. Para se ter ideia da raridade que apareceu em águas brasileiras, Gabriel Medina é o principal e mais excitante surfista da sua idade ao nível mundial, enfrentando e derrotando ídolos do porte de Kelly Slater. Garoto dos tubos de Maresias, surpreendeu a todos de forma meteórica, com uma carreira que começou oficialmente em 2009, ao ganhar tudo que disputava. Adentrou o grupo de elite do esporte e arrebatou dois (França e Estados Unidos) dos cinco eventos do World Tour; etapas mundiais realizadas no segundo semestre de 2011. Um feito inédito para o Brasil. Agora, Gabriel Medina completou 18 anos e desponta como líder da chamada 'nova geração' do surf, título justificado por sua carreira jovem e recheada de conquistas e prêmios. Como disse Kelly Slater, do alto de suas décadas de profissionalismo e 11 títulos mundiais, se Medina continuar nesse ritmo pode cansar-se de vencer antes mesmo dos 20 anos, e entrar definitivamente para a história do esporte. É com essa expectativa e o dom natural para ser um ídolo que Gabriel Medina pode representar uma explosão do esporte no Brasil e no mundo, como já está acontecendo nas praias, caracterizadas pela enorme quantidade de simpatizantes do esporte. Gabriel Medina, o Neymar do Surf!

Gabriel Medina é o mais jovem brasileiro a ingressar no selete World Tour
Ganhou mais do que qualquer outro no mesmo período de entrada no Circuito de Surf Profissional
É um fenômeno do esporte!



Gabriel Medina comemora mais uma vitória no World Tour, na Califórnia.
O surfista do litoral de São Paulo vem quebrando todos os recordes do surf profissional.
Ele pode ser o principal representante do Brasil nas Olimpíadas de 2016/20/24...



KIRSTIN / ASP

“Seria muito bom para o esporte uma exibição nas Olimpíadas do Rio em 2016. Irá fortalecer ainda mais o surf no Brasil e abrir infinitas possibilidades para formação de futuros campeões mundiais.”
Adriano de Souza, surfista profissional, maior representante da equipe brasileira no ASP World Tour

Phil Rajzman (ao alto), com a bandeira brasileira, é o nosso campeão Mundial de Surf – Longboard. Outros 5 brasileiros já venceram o Mundial Pro Junior, entre eles Adriano de Souza, que comemora no mar de Portugal mais uma façanha no surf profissional. E com o troféu na mão, Caio Ibelli, paulista do Guarujá, no topo do pódio no Mundial Pro Jr, este ano na Austrália.



Brasileiros Campeões mundiais: Phil Rajzman e Juniores

Phil Rajzman é o brasileiro campeão mundial de surf profissional na categoria longboard. Consagrou-se na França no ano de 2007, seguindo os passos vencedores de seu pai, o ex-jogador de voleibol Bernard Rajzman, líder da geração de prata, que entre muitas vitórias conquistou a Medalha de Prata nas Olimpíadas de Los Angeles, em 1984. Bernard também foi o primeiro brasileiro indicado ao Hall da Fama do Vôlei Mundial, e hoje é um político determinado em prol do esporte. E Phil, com os DNAs do pai, é um dos grandes fomentadores do surf como esporte olímpico. Já escreveu artigos sobre o assunto e encabeça a lista de surfistas que apoiam a ideia de exibir o surf nas Olimpíadas do Rio de Janeiro. Na categoria Pro Junior – Sub-21, o Brasil tem tradição de revelar promissores campeões. Nos últimos dias do mês de janeiro deste ano de 2012, o brasileiro Caio Ibelli, do litoral de São Paulo, sagrou-se o novo campeão do Mundial Pro Junior da ASP, levando a bandeira verde-amarela ao topo do pódio. Esse foi o quinto título nacional em 13 edições da competição, vencida pelos brasileiros Pedro Henrique (2000), Pablo Paulino (2x) (2004 e 2007) e Adriano de Souza (2003), todos apontados como grandes surfistas. Adriano de Souza é sempre cotado para ser um futuro campeão mundial de surf profissional em cada mudança de temporada. Além de Phil Rajzman e dos Juniors, o Brasil tem outro ilustre campeão mundial, o mais simbólico de todos, Fabio Gouveia, o primeiro brasileiro a vencer o ISA World Surfing Games, em Porto Rico. E em nosso território, Picuruta Salazar, um santista cidadão do mundo, é o maior vencedor do surf brasileiro.

O carioca Phil Rajzman é o brasileiro campeão mundial de surf. Ele é filho do ex-jogador de vôlei Bernard, Medalha de Prata nas Olimpíadas de Los Angeles, 1984. Entre os campeões juniores, o Brasil tem 5 títulos mundiais. Fabio Gouveia venceu o mundial da ISA. Picuruta Salazar é o maior vencedor do surf brasileiro.



Homem desafia os limites da natureza e a quebra dos records

O Brasil é umas das nações mais vencedoras no esporte de desafio às ondas grandes. Carlos Burle, Rodrigo Resende e Danilo Couto são alguns exemplos de expoentes da modalidade. Burle, pernambucano radicado no Rio de Janeiro, é bicampeão mundial de surf de ondas grandes. Ele venceu em Todos Santos, no México, em 1998, e repetiu o feito quando, em formato de circuito, venceu o Big Wave World Tour de 2010, novamente acumulando a façanha de ser primeiro (bi) campeão mundial da história do big surf. Rodrigo Resende, carioca, sagrou-se Campeão Mundial de surf rebocado ao vencer em 2001, junto de seu parceiro havaiano Garrett McNamara, a 1ª Tow-In World Cup (2001/02), realizada em Peahi, nas ondas de Jaws, na ilha de Maui, no Havá – um campeonato que entrou para a história dos esportes chamados extremos. O baiano Danilo Couto, na temporada 2010/11, foi premiado nos XXL Global Big Wave Awards ao ser escolhido como o homem que surfou na remada a maior onda da temporada, na mesma onda de Jaws, com mais de 20 metros de altura. O evento representa o verdadeiro desafio de “homem versus natureza”, e Danilo, entre muitos outros inscritos, foi o “Rider of the Year” pela performance em Jaws, faturando o prêmio de US\$ 50 mil e a fama que buscava por mais de uma década. Aliás, vale lembrar que Danilo, ao ganhar o XXL, repetiu um dos feitos do compatriota Carlos Burle, que já havia conquistado esses louros em 2002, ao surfar uma onda de 30 metros com o auxílio do reboque de um jet-ski. Burle é representante de alto nível do esporte, figura constante na mídia e programas de televisão, sempre procurado quando o assunto é a organização e divulgação da modalidade, assim como o cuidado com os atletas. Entre as mulheres, a brasileira Maya Gabeira é soberana. Filha do político Fernando Gabeira, ela já venceu por quatro vezes os XXL como a Melhor Performance Feminina da(s) temporada(s) de 2007/08/09/10. Destemida, Maya é uma referência e exemplo de romper os próprios limites e também os da natureza através do esporte. Menina desembaraçada e de boa formação, Maya também é representante legítima da beleza da mulher brasileira, que no caso dela ainda possui o charme da garota carioca. Ela é um exemplo de garra, raça, coragem e evolução esportiva do surf. Maya Gabeira é extreme! Romper limites, esse é o desafio olímpico!



Carlos Burle, um dos maiores big riders de todos os tempos, surfa a onda Teahupoo, no Tahiti. Abaixo, divide uma onda monstro em Jaws, Hawaii, com o baiano Danilo Couto, que comemora com a família o Billabong XXL, prêmio máximo do esporte

ASP/ROBERTSON



BRASILEIROS NO TOPO DO MUNDO
 Carlos Burle é bicampeão mundial de ondas grandes
 Rodrigo Resende é o campeão da 1ª Tow-In World Cup – Peahi, Jaws
 Danilo Couto é o atual vencedor dos XXL Big Wave Awards
 Maya Gabeira é tetracampeã dos XXL: Melhor Performance Feminina
 Romper limites, esse é o desafio olímpico!

PATRICK HAMILTON



As "Olimpíadas do Surf", chamadas World Surfing Games, são realizadas desde 1964. A International Surfing Association (ISA) é reconhecida pelo COI desde 1995.

Esporte Surf: Reconhecido pelo Comitê Olímpico Internacional (COI)

Um esporte, para se tornar olímpico, precisa ter mais de 72 confederações organizadas em países diferentes. E segundo dados da International Surfing Association (ISA), por meio de seu presidente Fernando Aguerre, isso já é realidade para a entidade, que apresenta franca expansão do esporte pelo mundo. A ISA realiza os ISA World Surfing Games, considerados as "Olimpíadas do Surf". A competição é organizada desde 1964 sob o nome de ISF World Championship (Campeonato Mundial de Surf), promovido pela então International Surfing Federation, a primeira organização internacional de surf. Em 1976, a ISF passou a ser chamada de ISA, para promover a disputa entre nações e a organização do esporte. Em 1996, um ano depois que a ISA foi reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional, Fernando Aguerre, seu presidente, mudou o nome do evento para World Surfing Games, que tem como missão abrir novos polos de surf, com federações e confederações, em países que possuem pouca estrutura organizacional, mas que têm tradição no esporte.



Nesta última década, países em continentes ainda não muito evoluídos nesse esporte receberam a presença da ISA e aderiram ao modelo ortodoxo de filiação da estrutura esportiva da modalidade. Vários países de outros continentes, como África, América Central e Ásia, hoje contam com a representação da ISA junto aos órgãos governamentais, para gerir um esporte que comprovadamente é praticado em mais de 100 países de todos os continentes. Outra regra do COI é que, para um esporte se tornar olímpico, sua prática deve ser viável em qualquer país. Como existem muitos países com poucas ondas ou até mesmo sem costa litorânea, numa hipótese de exceções para os Jogos Olímpicos, países vizinhos poderiam ser sedes móveis como alternativas às disputas. Outra opção pode ser a idealização de projetos viáveis de surf em piscinas de ondas em parques aquáticos – hoje, mais de 30 parques aquáticos espalhados pelo mundo estão em funcionamento –, com investimentos que se reverteriam em entrega à sociedade com o mote de inclusão social e acesso à prática esportiva, além do apelo de disseminação do movimento de respeito à natureza.

Estrutura Esportiva: Confederação Brasileira de Surf

O Brasil foi o único país do mundo que montou sua estrutura esportiva nos moldes ortodoxos de organização, com federações filiadas à Confederação Brasileira de Surf. Em 15 de Julho de 1965 foi fundada a primeira entidade de surf do país no Brasil – a Associação de Surfe do Estado do Rio de Janeiro. Ela organizou o primeiro campeonato, em outubro do mesmo ano, e depois realizou festivais que entraram para a história do surf nacional. No Brasil, a primeira entidade organizacional foi criada em 1987, chamada Associação Brasileira de Surf Amador (Abrasa), tendo como finalidade principal o desenvolvimento, padronização de critérios e coordenação do surf em todo o Brasil. O surf foi reconhecido como esporte pelo Conselho Nacional de Desportos um ano depois, em 1988. Em 17 de outubro de 1998 foi fundada na cidade do Rio de Janeiro a Confederação Brasileira de Surf (CBS), que sucedeu legalmente à Abrasa. E desde então é a CBS que define o ranking do surf brasileiro, usado como base pelas delegações brasileiras em competições no exterior. Em setembro de 2002, uma comitiva da CBS foi recebida por Carlos Arthur Nuzman, que concedeu a nobre vinculação junto ao Comitê Olímpico Brasileiro, colocando o esporte dentro da "família olímpica". Em maio de 2003, a Confederação Brasileira de Surf foi recebida pela representação federal e definitivamente reconhecida pelo Ministério do Esporte como Entidade de Administração Nacional do Surf, fazendo parte do rol das entidades desportivas brasileiras registradas no órgão federal. A CBS é reconhecida pela International Surf Association (ISA) como responsável pelo Surf no Brasil, e está filiada à Pan-American Surf Association (PASA). Atualmente, as entidades responsáveis pela organização do esporte no país são a Confederação Brasileira de Surf (CBS), filiada ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB), como dito acima, e a Associação Brasileira dos Surfistas Profissionais (Abrasp), que, assim como a ASP no âmbito mundial, realiza o campeonato profissional de surf no Brasil.

- 1965 – fundada a primeira entidade de surf no Brasil (Ass. de Surfe do RJ)
- 1987 – nasce a Associação Brasileira de Surf Amador (Abrasa)
- 1988 – o surf é reconhecido como esporte pelo Conselho Nacional de Desportos (CND)
- 1998 – fundada no Rio de Janeiro a Confederação Brasileira de Surf (CBS)
- 2002 – a CBS é reconhecida pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB)
- 2003 – a CBS é reconhecida pelo Ministério do Esporte



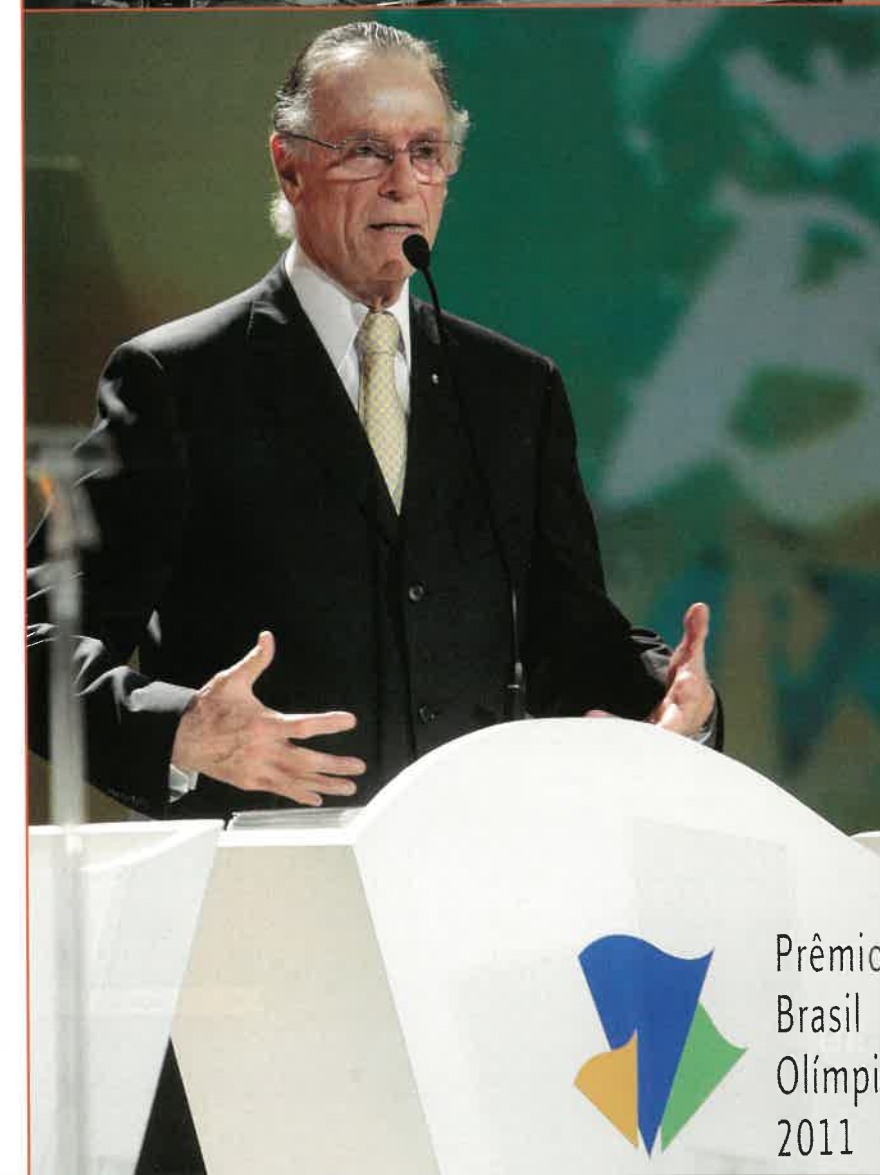
CBS: Prêmio Brasil Olímpico

Em 2011, a Confederação Brasileira de Surf (CBS) organizou mais de 20 eventos de grande porte e outros 100 eventos regionais. Só para citar alguns: o Rip Curl Grom Search, o Billabong Brasileiro de Surf, a Seletiva Master, as etapas do ISA Games, o Brasileiro de Surf Universitário, entre outras competições pelo Brasil e também representando o nosso país pelo mundo e na disputa entre nações. Desde novembro de 2009, a Confederação é presidida pelo baiano Adalvo Argolo, e tem o publisher da ALMA SURF e diretor da agência Improve, empresário Romeu Andreatta, no cargo do diretor de Fomento ao Esporte. Como estratégia e planejamento de gestão, para o biênio 2012/13 estão programados mais de 120 eventos de surf com ótica na praia, oferecidos ao público e à mídia, como maior composição de atuação e entretenimento, ancorada na vitoriosa plataforma de dar amplitude às nuances da cultura e da vida na praia. E como maior trunfo e reais objetivos dessa gestão, a CBS, em parceria com a ALMA SURF, lançou no início de 2010 a campanha: "Rio 2016: Surf nas Olimpíadas". A intenção agora é buscar realmente uma maior aproximação com o COB para materializar a possibilidade de apresentação do surf como esporte olímpico no Rio de Janeiro. Esse movimento acredita que o surf pode ser um dos esportes apresentados numa espécie de Jogos de Verão, que podem acontecer junto às Olimpíadas do Rio 2016, com uma histórica e única exibição do surf como um futuro esporte olímpico; um sonho possível para o esporte, já que o Rio de Janeiro é a cidade de praia mais charmosa do mundo. Vistos os esforços de estruturação e evolução do surf como esporte pela Confederação Brasileira de Surf, o presidente Adalvo Argolo recebeu no mês de dezembro de 2011 a maior honraria que uma organização esportiva pode ganhar do Comitê Olímpico Brasileiro, que é o Prêmio Brasil Olímpico. O Prêmio Brasil Olímpico 2011 foi entregue à CBS pelo visionário presidente do COB, Carlos Arthur Nuzman, que destacou a forte presença da Confederação no cenário esportivo.

Prêmio Brasil Olímpico 2011
"A homenagem do Comitê Olímpico Brasileiro à Confederação Brasileira de Surf, sob a presidência de Adalvo Nogueira Argolo, por sua dedicação e empenho durante esta temporada e pela incessante busca por conquistas do esporte olímpico nacional".
Carlos Arthur Nuzman



Nas fotos menores, Fernando Aguerre representa a ISA, em encontros com o presidente do COI e COB, Jacques Rogge e Carlos Arthur Nuzman. É imagens do Brasil Prêmio Olímpico 2011, em que a CBS foi homenageada

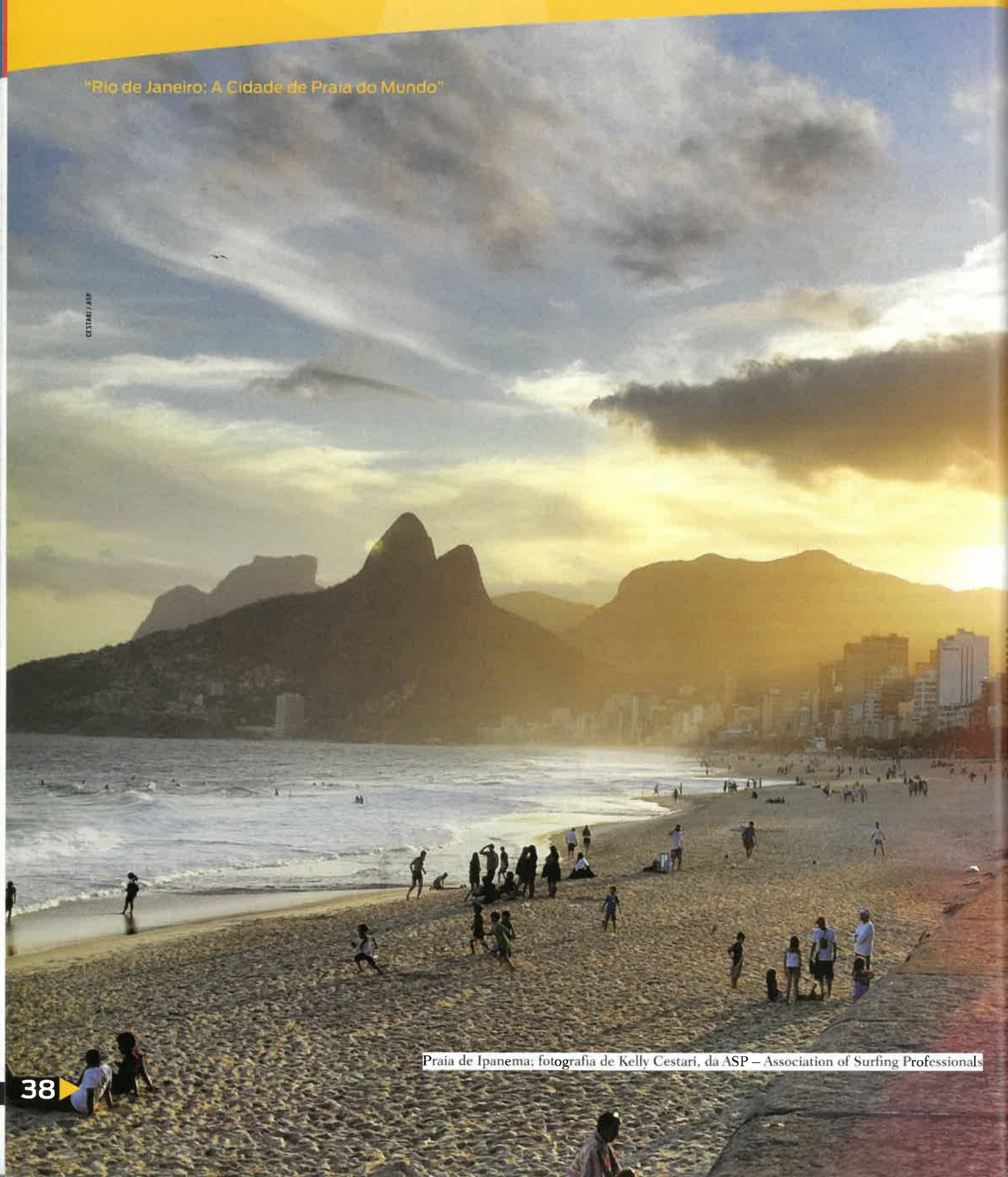


Prêmio
Brasil
Olímpico
2011



"Rio de Janeiro: A Cidade de Praia do Mundo"

CESTARI / ASP



Praia de Ipanema; fotografia de Kelly Cestari, da ASP – Association of Surfing Professionals

O Brasil possui hoje quase 200 milhões de habitantes – IBGE. 80% da população está concentrada na faixa litorânea do oceano Atlântico, que tem 8.000 km de extensão

A grande oportunidade de apresentar o surf nas Olimpíadas do Rio de Janeiro

Em 2016, o Rio de Janeiro receberá o maior evento esportivo do planeta, que honrosamente, pela primeira vez na história, terá lugar na América do Sul. O acontecimento mexe com o dia a dia dos brasileiros desde a confirmação da vitória, no inesquecível dia 2 de outubro de 2009, quando aconteceu o anúncio feito pelo presidente do COI, Jacques Rogge. Foi a coroação maior de uma trajetória de conquistas do COB e, principalmente, do esporte brasileiro, que inaugurou o início de uma caminhada de grandes oportunidades e desafios. E sob essa afirmação, acreditamos que o surf pode fazer parte disso, rompendo limites e gerando grande movimento para novas oportunidades, em todos os sentidos. Serão mais de 100 mil pessoas envolvidas diretamente na organização, inclusive 70 mil voluntários, e milhões impactados na cidade, no país e no continente. São esperados mais de 10.500 atletas de cerca de 205 nações ao redor do mundo, além de milhares de profissionais de imprensa, de apoio, apaixonados pelo esporte e turistas de todos os cantos do planeta, que virão ao Brasil curtir o país, sua cultura, tradições e costumes, ações de entretenimento, suas belezas naturais e, principalmente, as famosíssimas praias cariocas. O Rio já passa por uma transformação sem precedentes, porém preservando o estilo de vida do povo carioca e o espírito e a energia brasileiros, que contagiam o mundo inteiro. Esse é mais um motivo para o surf ter uma boa exibição nas Olimpíadas do Rio, em 2016, pois o esporte identifica-se muito com a harmonia que a cidade do Rio de Janeiro emana entre natureza e bem-estar, características do surf.

Rio de Janeiro, a cidade de praia do mundo

O Rio de Janeiro, berço do surf brasileiro, polo multicultural do mar e da praia que exporta tendências contemporâneas de estilo de vida para o mundo, é um lugar que referencia a vida saudável e ligada à natureza, ao esporte e ao culto ao próprio ser – corpo e mente são. O surf é muito presente na Cidade Maravilhosa, movida pelo mar, pelos boardsports e outros esportes praticados sobre as areias ou na orla marítima, que é o local ideal para se fazer uma exibição do esporte. Uma cidade que tem vocação esportiva, que já sediou os Jogos Pan-Americanos de 2007; Jogos Parapan-Americanos de 2007; Jogos Mundiais Militares do CISM de 2011; e que realizou em 1950 e, vai realizar novamente como uma das cidades sedes, a Copa do Mundo da FIFA de 2014. Uma cidade que possui 106 km de litoral, divididos entre oceano, baías e lagoas oceânicas. Um lugar que possui 290 km² de florestas, que correspondem a 25% do todo. E que possui 100 áreas de proteção ambiental, que cobrem 235 km², ou seja, cerca de 20% da cidade do Rio de Janeiro. Uma cidade chamada a "Cidade de Praia do Mundo".

"O Rio tem todas as condições de realizar uma exibição do surf nas Olimpíadas. Temos boa infra-estrutura, praias com ótimas ondas, e o povo mais alegre do mundo."
Rico de Souza – surfista, empresário, comunicador, precursor e representante do esporte no Rio



RIO 2016: UMA MARCA QUE TEM A ESSÊNCIA DO ESPORTE SURF

Parafraseando autores da marca Rio 2016 que dissertaram sobre a essência da criação, alinhamos nossos desejos sob as próprias 'justificativas' de seus criadores, expressas pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB):

▪ **ESSÊNCIA: 'Paixão e Transformação'**

Paixão pelo esporte, refletida na garra e no desejo de superação. Paixão da alma carioca, que acolhe com abraço e espalha simpatia, que traduz nosso jeito contagiante de celebrar. Projeta o Brasil e o Rio de Janeiro para o mundo. Transformação do planeta em uma cultura consciente e sustentável, como uma inspiração ao presente e um legado para o futuro.

▪ **ENERGIA CONTAGIANTE: 'Celebração e Otimismo'**

Festejar cada conquista e contagiar o mundo com um gingado único, feito de beleza e criatividade. A marca Rio 2016 é energética e expressiva. Celebra a vida com paixão e acolhe de um jeito caloroso. Transforma o presente e o futuro. E reflete a força realizadora que move nossos desejos e nossas aspirações, com uma visão positiva, potencializadora, que fortalece autoestima e nos permite ir longe.

▪ **ESPÍRITO OLÍMPICO: 'Respeito e Excelência'**

Ultrapassar os limites, superar os desafios com prazer, garra, motivação e energia. Um exemplo vivo de transformação através do esporte. Força que contagia, mobiliza e amplia as possibilidades e horizontes. Dissemina e traz os valores olímpicos – respeito, amizade e excelência. Com um olhar criativo e, ao mesmo tempo, cuidadoso, capaz de escrever uma história inédita e empolgante.

▪ **NATUREZA EXUBERANTE: 'Inspiração e Sustentabilidade'**

A atmosfera exuberante do Rio e dos cariocas, espelho de um cenário vivo moldado pela natureza pulsante e pelo calor humano de uma cidade que escolheu viver com alegria, que gosta de compartilhar seu céu e mar. Gente que descobre seus elementos essenciais. Sabe que o futuro é feito do presente consciente e sustentável, como um dos maiores legados para o planeta.

▪ **DIVERSIDADE HARMÔNICA: 'União e Espírito Jovem'**

Diversidade de idéias e raças, povos e culturas. A verdadeira riqueza está na mistura harmoniosa de diferentes influências e origens. Uma marca movida pela energia leve e positiva. Expressa um jeito descontraído de levar a vida, de espírito agregador e jovem de energia e entusiasmo, que atrai e inspira pessoas. Um catalisador da transformação do Movimento Olímpico.

ENCERRAMENTO

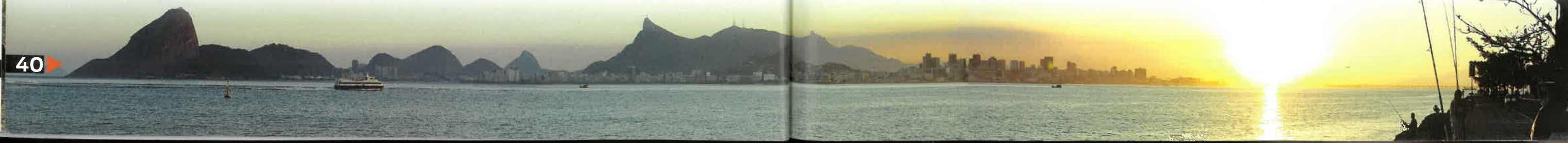
Esses são os Jogos Olímpicos, e esses são os pensamentos positivos de visão futurista para a entrada, a apresentação do surf como um esporte olímpico na Cidade Maravilhosa do Rio de Janeiro – a Cidade de Praia do Mundo. Vamos definitivamente entrar para a história mundial ao promover a exibição do surf como esporte nos Jogos Olímpicos de 2016! 🏄‍♂️



SURF NAS OLIMPÍADAS



Rio2016





ENTREVISTA

ADALVO ARGOLO - PRESIDENTE DA CBS

Adalvo Argolo forma, junto de sua família, uma das instituições do surf baiano e nordestino, emancipado agora, no surf nacional, com a presidência da Confederação Brasileira de Surf (CBS). Sob sua influência e gestão, a Bahia revelou grandes atletas ao Brasil e entrou definitivamente no cenário nacional. Ele está envolvido com a realização dos circuitos amadores de surf desde o início do esporte no Brasil, e faz um forte trabalho de base para fortalecer a CBS. Agora, Adalvo coloca suas forças políticas junto ao COB e ao Planalto, para levar o surf às Olimpíadas do Rio de Janeiro. Confira abaixo quais são os planos, agendas e o que tem a dizer o presidente da Confederação Brasileira de Surf: Adalvo Argolo.

por Adriano Vasconcellos



Adalvo Argolo, junto da equipe brasileira, segura a bandeira da Confederação Brasileira de Surf (CBS), durante o ISA World Masters Surfing Championship, Punta Roca, em El Salvador, 2011



O que é o movimento Rio 2016 – Surf nas Olimpíadas?

Esse é um movimento sério, feito por pessoas sérias e que com certeza levará o surf às Olimpíadas do Rio de Janeiro. Para isso, lançamos uma grande ação que vai englobar o mundo inteiro, todo o segmento em busca de uma causa nobre, que é a elevação e reconhecimento do surf como um esporte olímpico. Propomos uma união como nunca antes vista, de surfistas, amantes do esporte, da imprensa, indústria surf e praia, do setor privado, dos players e dirigentes, dos órgãos governamentais e federais, da população praiana de todas as partes do mundo, que vão pedir a inclusão do surf nas Olimpíadas, no Rio de Janeiro em 2016.

A Confederação Brasileira de Surf, representada por você como presidente, recebeu o Prêmio Brasil Olímpico das mãos do presidente do COB, Carlos Arthur Nuzman. O que isso significa para a CBS e quais foram os motivos que levaram a confederação a ganhar esse nobre prêmio?

Foi uma grande honra receber esse título tão importante no mundo do esporte. Foi realmente um prêmio por todo o trabalho desenvolvido por esse novo grupo que defende as cores do Brasil e do esporte através da CBS. Recebemos o Prêmio Brasil Olímpico devido à grande atuação do time brasileiro de surf que foi aos Jogos Sul-Americanos de Praia, realizados em dezembro passado no Equador. De uma forma pioneira, nosso time foi com uma forte estrutura patrocinada pelo COB. Com o suporte do Comitê e a garra e vontade de sempre, além do talento soberbo de nossos surfistas, fizemos cinco pódios, com duas medalhas de ouro, duas de prata e uma de bronze. Nesse ambiente de praia, o Brasil foi o campeão do evento, com um total de 20 medalhas. E o surf teve uma parcela significativa no quadro geral, sendo fundamental para a conquista do título. O Prêmio Brasil Olímpico foi surpreendente, mas muito merecido.

Como se constitui a CBS?

Hoje a CBS tem uma estrutura sólida, que engloba, no total, 15 estados litorâneos. E estamos estruturando a entrada do Maranhão e do Piauí como federações filiadas à confederação. Neste biênio de gestão, contamos com uma nova postura dos presidentes e diretorias das federações estaduais, que são fortes e consistentes, e com o apoio de mais quatro entidades que fazem o surf acontecer no Brasil – Abrasp (Associação Brasileira de Surf Profissional), Abrasu (Associação Brasileira de Surf Universitário), Ansu (Associação Nordestina de Surf) e Ibrasurf (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento do Surf) –, que dão suporte a todos os flancos do surf como esporte no Brasil.

Hoje o formato de composição do surf como esporte no Brasil tem um modelo ortodoxo de direção e gestão esportiva. Qual é a relação e como funciona a liderança com as federações nacionais?

Essa é uma das metas da gestão por mudança, no que diz respeito ao modelo de participação federal. Hoje a confederação não recebe verbas de nenhum órgão governamental, tampouco do meio empresarial. São as federações que pagam um valor de anuidade à CBS, a título de manutenção da entidade. E assim nos mantemos unidos. Além de um novo plano para trazer instituições privadas junto da confederação e seus muitos eventos na praia, todos relevantes em prol da evolução do esporte no Brasil, buscamos reconhecimento do plano federal. Quando o ideal seria o inverso, com a CBS investindo e colaborando com as suas filiadas, para maior estrutura e credibilidade do surf enquanto esporte.

Como a CBS se relaciona com a ISA (International Surfing Association), e qual é a importância da ISA nesse movimento “Surf nas Olimpíadas”?

Hoje a CBS tem um excelente relacionamento com a ISA, que lidera e trabalha bastante sobre esse assunto do surf nas Olimpíadas, com alguns avanços significativos por meio da figura do Fernando Aguerre, que dirige a associação. Agora, com o projeto “Rio 2016, Surf nas Olimpíadas”, a CBS e o Brasil podem contribuir em muito nesse processo de levar o surf aos Jogos Olímpicos, pois temos força de mobilização e vamos lançar uma campanha sem precedentes para o esporte. Sabemos e acreditamos muito na força que o surf tem em nosso país, e na legitimidade do Rio de Janeiro nessa relação intrínseca com a praia.

Com a sua entrada na CBS e uma reestruturação na entidade, quais são os avanços desse biênio e os resultados dentro d’água?

A CBS tem feito bons eventos ao longo desses dois anos, com excelentes resultados nos mundiais, no ISA Games, ISA Junior e ISA Master. O Brasil sempre esteve entre os três melhores países do mundo em qualquer competição esportiva. E ao longo dos últimos anos, junto às federações, revelamos atletas de alto nível e ótimos resultados já numa fase precoce. Surfistas como Gabriel Medina, Alejo Muniz, Adriano de Souza, Miguel Pupo, entre outros, estão mudando o cenário do surf nacional e mundial com a conquista de títulos expressivos no âmbito profissional e fazendo história no surf mundial. E acima de tudo, colocando o Brasil como uma potência do esporte.

Qual é a expectativa de crescimento do esporte (como marca esportiva), e para qual período?

Tenho certeza de que, com o movimento Rio 2016: Surf nas Olimpíadas, vamos levar nosso esporte a um patamar nunca visto antes. Com essa ação programada e dirigida, com a inteligência de pessoas preparadas em comunicação e novas linguagens de alcance, tenho certeza absoluta de que toda a comunidade vai compartilhar e contribuir para essa vitória do surf. Vamos fazer história.

Quantos eventos a CBS tem por ano? Quais são os principais?

Como eventos principais, a CBS tem cerca de 20 eventos fortes por ano, e outras quatro viagens internacionais em que representamos as cores do nosso país. Posso destacar aqui o circuito Billabong Brasileiro de Surf, o Circuito Brasileiro Master, o Rip Curl Grom Search, e o Circuito Brasileiro Universitário, eventos que fazem parte da formação da base do esporte no Brasil. Contudo, com um grande plano que está sendo colocado em prática pela diretoria de fomento da CBS, teremos mais de 110 eventos por ano, que vão englobar muito mais do que só o surf. Eles terão esportes na praia e um pool de ações que vão atrair participação privada, os olhos da mídia e o reconhecimento federal. Além, é claro, de disseminar o surf enquanto esporte junto à sociedade como nunca antes.



ENTREVISTA

Como a CBS vislumbra dar mais luz, mídia e estrutura aos eventos? Qual é o conjunto de ações? Qual é o plano da CBS para dar e ganhar visibilidade ao surf enquanto esporte?

Em primeiro lugar, estamos trabalhando muito melhor as estruturas de nossos eventos e também implantando novas ações no todo, como mencionei na pergunta anterior. É uma meta da confederação melhorar em todos os quesitos nossa comunicação, para melhor divulgar nosso trabalho e nossas conquistas, para avançar as fronteiras da sociedade. Outra busca definitiva é aliar de alguma forma o surf aos grandes eventos esportivos que acontecerão no Brasil. Participações, exposições, ações artístico-culturais e de entretenimento envolvendo o esporte, e outras. Temos grandes oportunidades em eventos como as Olimpíadas e a Copa do Mundo, não podemos deixar escapar essa chance de levar o esporte para um público muito maior, nacional e internacional. Se não tivermos essa vontade e visão, certamente ficaremos para trás. Nosso diretor de fomento, Romeu Andreatta, tem trabalhado incessantemente sobre essa questão há mais de 30 anos, com seu histórico de sucesso e muita expertise na área, sempre trazendo excelentes resultados para o esporte e a mídia no Brasil. E, agora, a Confederação Brasileira de Surf.

Chegou a hora de o surf ser um esporte olímpico?

Essa é a hora! Sinceramente, poderíamos ter começado esse movimento nas Olimpíadas de Sydney em 2000, na Austrália, por ser esse um país que tem vocação para o surf. Mas agora temos uma grande oportunidade na Cidade Maravilhosa, o Rio de Janeiro, a mais charmosa de todas, que foi o berço do esporte no Brasil. Fazer essa ação e obter essa conquista maravilhosa, será uma grande vitória para o surf.

Esse é o porquê do Rio de Janeiro?

O surf tem uma história maravilhosa com o Rio de Janeiro desde a época do Pôr de Ipanema, na virada das décadas de 1960 e 1970, e marcou toda uma geração de jovens que hoje determina o futuro da cidade, e sabe da importância do esporte como um todo. Está no Rio a verve praiana do Brasil. O melhor da moda praia e dos biquínis estão no Rio. As mulheres mais bonitas estão lá. Ali, na praia, é onde tudo acontece.

“Tornar o surf em esporte olímpico é um sonho que nós, surfistas, queremos realizar. E a ida do surf para os Jogos Olímpicos significa modernizar e mudar a história. Significa fazer história. Significa trazer milhões de jovens para perto do maior evento esportivo do mundo.”
Adalvo Argolo, presidente da Confederação Brasileira de Surf - CBS

O que uma exibição do surf nas Olimpíadas trará de benefícios ao esporte e ao Brasil?

Investimentos e projeção. Além trazer à massa o estilo de vida surf, vamos consolidar o surf como esporte. Com o sucesso desse movimento, vamos captar e trazer grandes patrocinadores de fora do meio esportivo do surf, oferecendo um universo muito maior, que engloba toda a praia, que engloba toda uma geração de jovens que querem estar na praia o tempo todo, se divertindo, curtindo e desfrutando do bem-estar que esse ambiente natural proporciona. Para o Brasil, será uma conquista merecida, pois certamente temos um número de surfistas entre os maiores do mundo, espalhados por essa costa litorânea maravilhosa que possui o Brasil.

Quais são as ações e a agenda com o COB e o governo federal?

Temos agenda junto ao deputado federal Acelino 'Popó' Freitas, nosso campeão mundial de boxe, um representante de alto nível do nosso país esportivo. Ao conhecer melhor a nossa campanha e entender aonde queremos chegar, Popó acredita na causa e vislumbra grandes chances da viabilidade do surf nas Olimpíadas do Rio, pois ele mesmo já disse que com vontade política as coisas acontecem. Junto dele, temos agenda com Carlos Arthur Nuzman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, que já demonstrou interesse em levar o surf à exibição nas Olimpíadas. E consequentemente, com força política e nossa proposta consistente, vamos nos encontrar com a presidente Dilma Rousseff. Vamos levar o surf às Olimpíadas do Rio de Janeiro.

Na aposta de o surf ser exibido como esporte nas Olimpíadas do Rio de Janeiro em 2016, o que você enxerga para o esporte nas outras edições do evento olímpico?

Certamente abriremos uma porta imensa à ISA, que pode fortalecer como nunca a sua aproximação com o Comitê Olímpico Internacional (COI). Ao fazer do surf um esporte definitivamente olímpico. Já para o surfista e para a praia, um novo horizonte. Ao esportista, melhores remunerações e ganhos. À praia, maior acesso a esse estilo de vida que a natureza propõe, além do aumento do foco de preservação da própria praia e do meio ambiente a ela relacionado.

Lançamos oficialmente nesta edição da ALMA SURF o movimento Rio 2016 - Surf nas Olimpíadas. Com isso, o surf toma outro rumo. O esporte e a praia, evidentemente, também. Para finalizar: aonde o surf enquanto esporte vai chegar?

O surf como esporte já atinge uma quantidade expressiva de pessoas no mundo, e vem aglutinando mais e mais pessoas. Mas tornar o surf um esporte olímpico é um sonho que nós, surfistas, queremos realizar. E a ida do surf para os Jogos Olímpicos significa modernizar e mudar a história. Significa fazer história. Significa trazer milhões de jovens para perto do maior evento esportivo do mundo. 🌊



Presidente Adalvo Argolo no lugar em que todo surfista gosta de estar: na praia - Puerto Viejo, Peru



CBS / ADALVO ARGOLO



ENTREVISTA



FERNANDO AGUERRE

PRESIDENTE DA INTERNATIONAL SURFING ASSOCIATION - ISA

por Adriano Vasconcellos

Fernando Aguerre está à frente da International Surfing Association (ISA) desde 1994, tendo já cumprido oito mandatos consecutivos. Como um legítimo divulgador do surf, ele tem como uma de suas bandeiras de luta o reconhecimento do surf como esporte por parte do Comitê Olímpico Internacional (COI), e tem sido figura constante em eventos da entidade olímpica e de outras esferas esportivo-políticas – sempre em prol do esporte. Incansável, Aguerre transformou ‘a garantia de um bom futuro ao esporte’ em lema da ISA, que é o centro da expansão do surf no mundo todo. A valorização dos World Surfing Games (e os mundiais ISA Juniors, Masters, Bodyboard e SUP), tem sido uma constante em suas gestões, ação que serve de exemplos para acreditar em voos ainda maiores. “O surf é um excelente elo entre nações”, diz o dirigente, que tem longa história em busca da inclusão do surf nos Jogos Olímpicos. Ele afirma ter como missão “levar o surf aos Jogos Olímpicos”. Inspirado em Duke Kahanamoku, o embaixador do surf e bicampeão Olímpico, ele diz acreditar que “O Rio é a Cidade Maravilhosa para a inclusão do surf nos Jogos Olímpicos”. Conheça a história da incursão da ISA no COI, pelas palavras do próprio presidente da ISA, Fernando Aguerre, e o que ele pensa sobre a possibilidade da inclusão do surf nas Olimpíadas do Rio de Janeiro, no Brasil.



Fernando Aguerre estava em Copenhague 2009, na Dinamarca, quando o Rio de Janeiro foi anunciado como sede da Olimpíadas de 2016. Momentos de felicidade na companhia de dois símbolos do esporte brasileiro: o presidente do COB, Carlos Arthur Nuzman, e do tenista-surfista Gustavo Kuerten

Caro Fernando Aguerre, o que mudou significativamente desde 1992, ano que marca o início do lobby da ISA junto ao COI para a inclusão do surf nas Olimpíadas?

Fui eleito presidente da ISA no encontro mundial que aconteceu no Rio de Janeiro, em maio de 1994. E uma de minhas primeiras medidas foi coordenar e avançar as negociações com o COI para que a ISA fosse elevada à categoria de “Recognized International Federation” (Federação Reconhecida Internacionalmente), o primeiro passo no caminho para a inclusão do surf nos Jogos Olímpicos.

Como disse, você assumiu a representação da ISA junto ao COI em 1994. Naquele momento, você já vislumbrou essa possibilidade de inclusão do surf como esporte nas Olimpíadas. Foi essa uma de suas motivações maiores para essa empreitada na ISA?

Minha decisão estava 100% direcionada para incluir o surf nos Jogos Olímpicos. Eu sabia que ter o esporte nos Jogos de Atlanta de 1996 era impossível, mas tínhamos uma pequena chance de entrar nos Jogos de Sydney em 2000. Era uma ideia complexa, mas parecia o momento ideal: a Austrália, país que tinha o surf como parte da cultura, e Sydney, próximo de Manly, lugar para onde Duke levou o surf em 1915. Lamentavelmente, não tivemos tempo suficiente. Também nos faltou um pouco mais de conhecimento do mundo olímpico. De qualquer maneira, em junho de 1996, tive uma ótima reunião com o presidente do COI, Marques de Samaranch. Foi inclusive a primeira na história entre um presidente do COI e o da ISA. Um encontro do mais alto nível, excelente!

A realização dos ISA World Surfing Games em Huntington Beach, CA, em outubro de 1996, pode ser considerada o ponto de largada de um evento oficial de disputa entre nações do surf, com equipes representando os países.

A ISA vinha realizando eventos pelos países desde 1964, a cada dois anos. A grande diferença foi que em 1995 a ISA aprovou o fim da diferença entre os chamados amadores e profissionais, considerando a medida de uma cláusula da Carta Olímpica, que havia feito o mesmo em 1981.

Quanto os ISA World Surfing Games evoluíram como evento com o passar dos anos?

Evoluíram muito bem, e hoje são as Olimpíadas do Surf. Desde 2002, os Juniors também têm seu Mundial ISA por equipes; e os Masters, desde 2007. Finalmente, em 2011 os bodyboarders tiveram seu primeiro mundial, e os atletas de stand-up paddle inauguraram seus jogos neste ano de 2012.

Em 1998 aconteceu a entrada do snowboard nas Olimpíadas de Inverno (Nagano, Japão), e depois a do BMX (que estreou na China), em 2008. Isso foi um bom sinal para inclusão do surf nos Jogos?

Foram ótimos sinais. Basicamente confirmou-se a intenção do COI de incluir cada vez mais esportes de ação.



ENTREVISTA



No sentido horário:

ISA World Junior em Huntington, Califórnia, 2005;

Fernando Aguerre com Jacques Rogge, presidente do COI;

ISA Surf Games, no Brasil, 2006;

Com João Avelange e Pelé, na Dinamarca, 2009;

No ISA World SUP, no Peru, 2012;

Na ISA China Cup, 2012;

Em momento de surf...

“Duke Kahanamoku sempre será uma inspiração. Um embaixador do espírito aloha, do amor pela natureza e entre os seres humanos. Levar o surf às Olimpíadas será honrar esse cidadão saudável, que é um exemplo para as gerações futuras.”

Fernando Aguerre, Presidente da International Surfing Association - ISA

Nesse meio-tempo, a ISA realizou uma aproximação com a WADA (World Anti-Doping Agency), para fazer valer regras de antidoping para o surf. Essa foi uma iniciativa direcionada para aproximação ao COI?

A ISA vem testando os finalistas de seus eventos desde 1992, muitos anos antes da criação da WADA. Minha chegada à ISA, em 1994, marcou o começo dos exames antidoping em todas as categorias, medida que acredito ser essencial para proteger a saúde dos atletas e não permitir que obtenham melhores performances de maneira ilícita.

Em 2008 a ISA lançou o documento “Surfing in the Olympics”, visando a inclusão do esporte nos jogos do Rio, e participou do Congresso do COI em 2009, que determinou quais seriam as modalidades incluídas nos Jogos; com o surf ficando de fora das escolhas. Mesmo com a negativa, houve evolução da aceitação do surf pelo Comitê. Quais foram os motivos alegados pelo COI para a negativa? Qual foi o feedback?

O COI não informa os motivos oficialmente. Mas o surf não estava formalmente na briga para entrar no Rio. Essa decisão seria tomada em 2009, na Dinamarca, onde também seria decidida a sede dos Jogos de 2016. A partir daí o surf entraria em pauta, o que aconteceu.

Aliás, você presenciou ao vivo e em cores em Copenhague, Dinamarca, o anúncio do Rio de Janeiro como sede dos Jogos de 2016. Comente o que você sentiu e viu naquele dia histórico para o Brasil.

Foi realmente histórico. Era óbvio que Chicago não seria a sede. A disputa ficou entre Madri e Rio de Janeiro, e o Rio levava vantagem. Eu estava sentado ao lado da delegação brasileira, e no momento em que anunciaram o Rio, todos saltamos das poltronas, até o presidente Lula. Começamos a dançar, festejar e a entoar o canto “Cidade Maravilhosa...”. Eu estava no meio da euforia brasileira, desfrutando da mais pura alegria, em que todos se abraçaram... Foi inesquecível.

O COI, em busca da modernização dos Jogos Olímpicos, já colocou a possibilidade da retirada de esportes que perderam brilho e estão fora do foco principal do evento, para a inclusão de outros esportes, contemporâneos e que tenham maior alcance e aceitação entre o público jovem. Você acha que o surf pode ser o esporte que encabeça essa lista?

Tenho certeza que o COI entende a necessidade de renovar o lineup de esportes, mas é um processo vagaroso e nada simples. Tenho certeza de que, assim como o snowboard injetou uma nova energia nos Jogos de Inverno, o surf fará o mesmo nos Jogos de Verão. Logicamente, o ponto crítico a ser resolvido é sobre a viabilidade das ondas artificiais, da qualidade de eventos mundiais. Isso já está praticamente resolvido, mas ainda faltam alguns ajustes.

Esse é um dos pontos: você afirma que a construção de ‘piscinas com ondas artificiais’ seria uma ótima solução para formar uma equação de Arena Olímpica para a exibição do surf. Inclusive atletas como Kelly Slater endossam sua opinião. Como você vê o equilíbrio entre ondas artificiais e reais? E como fica essa relação com os puristas do esporte?

As ondas artificiais não serão a morte das ondas naturais, mas sim outra opção para os amantes do surf. Até mesmo Gerry Lopez expressou recentemente o seu total apoio ao surf nas Olimpíadas e ao uso das tecnologias artificiais, que prefiro chamar de “ondas criadas pelo homem”.



ISA / FERNANDO AGUERRE



E como você enxerga o melhor formato de competição para transmissões de televisão e para realizar a devida entrega comercial aos patrocinadores?

Este é um tema que faz parte das apresentações confidenciais da ISA. Prefiro não comentar, mas certamente existem muitas (outras) maneiras de se desenvolverem os formatos dos campeonatos de surf.

Você já disse que o Campeonato Mundial de Futebol só chegou aonde está porque começou em 1930 no Uruguai, quando ninguém deu muita importância ao evento. Acha que o surf precisa seguir esses caminhos vitoriosos para ganhar a devida luz e grandeza que o esporte merece?

Hoje o surf é mais popular do que muitos esportes olímpicos. Não estou seguro de que, se todos os esportes olímpicos tivessem de passar pelo mesmo filtro de ingresso a que os novos esportes são submetidos agora, eles teriam êxito. Entendo que muitos são tradicionais, acho bom ter tradições, mas o mundo também necessita de esportes como o surf, em que a vitória não depende de apontar uma arma, golpear um adversário e deixá-lo inconsciente, por exemplo. O mundo precisa de esportes em que a vitória tenha a ver com superação: competir contra elementos externos, mas de maneira pacífica. Afinal, o ideal esportivo dos séculos 20 e 21 é buscar a paz entre os países através da prática dos esportes. E o surf é essencialmente pacífico.

A sua grande inspiração olímpica é o lendário surfista havaiano Duke Kahanamoku, medalhista de ouro nos Jogos de 1912 e 1920. Naquelas oportunidades, e em outras, sempre acompanhado de uma prancha de surf, Duke apresentou o esporte para o mundo. Essa é sua missão, honrar o nome de Duke Kahanamoku e levar o “Surf às Olimpíadas”?

Essa será uma das consequências, honrar um cidadão bonito, saudável, um exemplo para as gerações futuras. Para mim, o Duke foi e sempre será uma inspiração. Um embaixador do espírito aloha, do amor pela natureza, do amor entre os seres humanos.

Para finalizar, você, assim como nós, acredita que o Rio de Janeiro é uma das cidades mais legítimas e viáveis para uma exibição do surf nas Olimpíadas?

O Rio é sem dúvida a maior cidade de surfistas do mundo. A cidade com maior número de surfistas. O Rio é praia, é mar, é onda, é surf... Com ou sem o surf no Programa Olímpico, o surf fará parte do dia a dia na praia durante os Jogos Olímpicos de 2016. Imagino as dezenas de milhares de visitantes, os atletas de outros esportes, todos desfrutando das ondas do Rio. O Rio é a Cidade Maravilhosa para a inclusão do surf nos Jogos Olímpicos. 🌊



CHIGLIA / FERNANDO AGUERRE



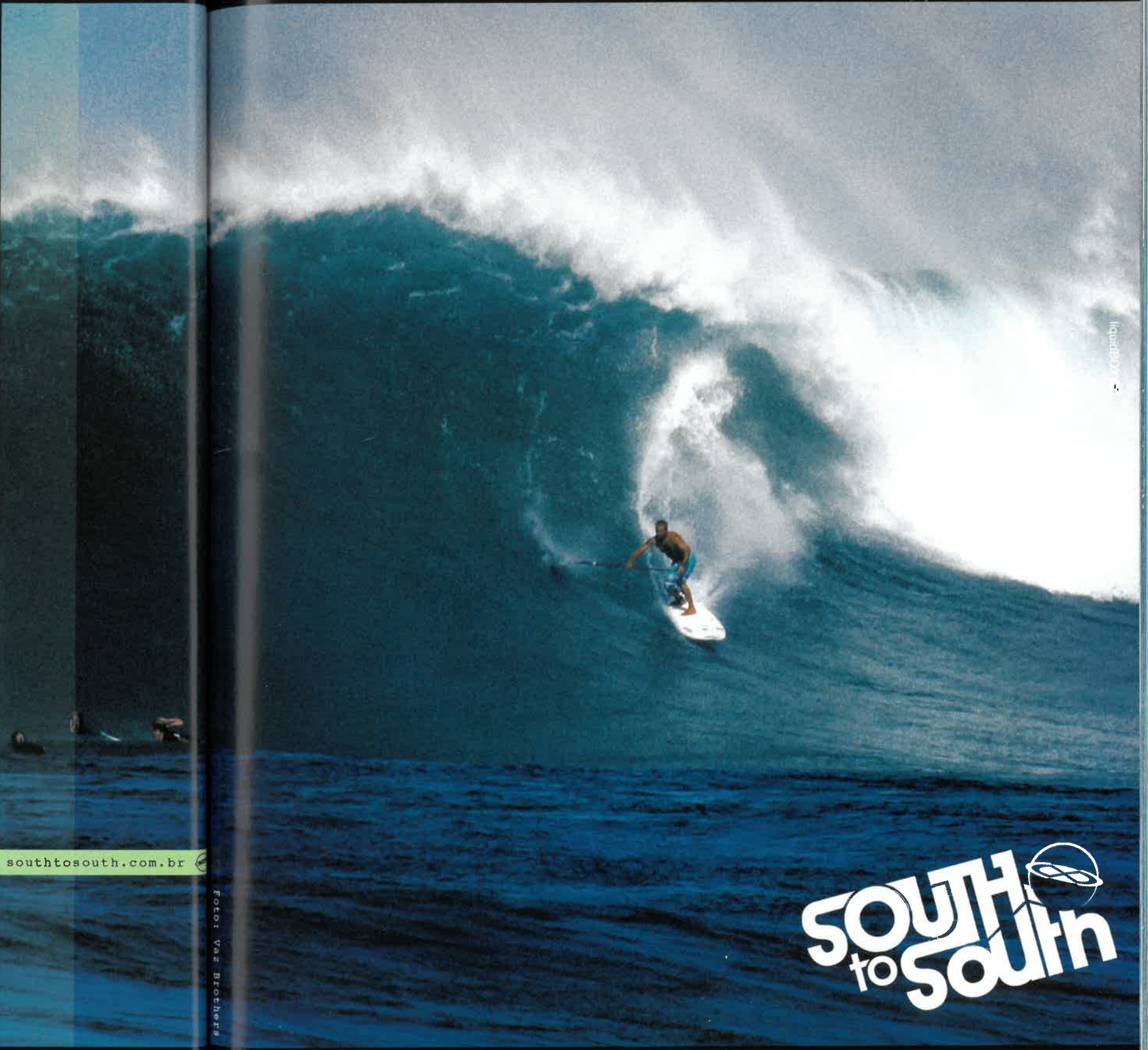
Atleta: Luís Saraiva
facebook/southtosouth

Campeão brasileiro de Stand-Up



southtosouth.com.br

Foto: Vaz Brothers



SOUTH
to **south**

luciano

PIPELINE STADIUM

O GRANDE COLISEU DO SURF

por Rosaldo Cavalcanti

Surf nas Olimpíadas, esse é um tema que ganha cada vez mais força e que agora tem uma campanha de peso lançada pela ALMA SURF. Então vamos aos fatos. Se pensarmos que a Grécia antiga é o berço do esporte olímpico, a praia de Pipeline e o North Shore de Oahu são os grandes Coliseus do Surf. Nessa temporada, a nova geração deu as caras, e alguns atletas já são apontados como possíveis campeões mundiais. Esses surfistas poderão ser os futuros Medalhas de Ouro nas Olimpíadas.

Pipeline é sinônimo de show de performance ao público, que se aglomera na faixa de areia como torcedores em um grande estádio. Na foto, Kelly Slater despenca para Backdoor. Seja bem vindo ao Pipeline Stadium!



No sentido horário: cenas da temporada havaiana: Gabriel Medina, de revelação passou a sensação do World Tour; Os Waves Warriors reunidos em Off The Wall para mais um capítulo da série de surf movies de Herbie Fletcher; entre eles Kelly Slater, Rob Machado e John John Florence. No SUP, imagem clássica de Sunset, durante a 1ª etapa do Stand Up World Tour. Pipeline, sob olhar do fotógrafo Sean Davey

TEMPORADA 2011/2012

Já se passaram algumas dezenas de anos desde a década de 1950, quando alguns surfistas inconsequentes desbravaram a costa norte da ilha de Oahu, no Havaí. Nem mesmo as ondas gigantes e um ambiente naturalmente selvagem, onde correntes e ventos fortes são comuns, foram capazes de detê-los. Mesmo depois de tanto tempo, o North Shore continua sendo a arena final, a 'meca do surf'. Onde meninos se tornam homens e vice-versa. O havaiano Shane Dorian é considerado um dos surfistas mais corajosos e insanos da atualidade. Segundo ele, "qualquer jovem surfista a caminho do topo terá que provar que é capaz de surfar bem no Havaí. Caso contrário, jamais conquistará um lugar entre os ícones do surf". O North Shore começa em Kaena Point – a ponta noroeste – e termina em Kahuku Point – ponta nordeste da ilha. São aproximadamente 10 quilômetros – 7 milhas – de extensão, uma região também conhecida como 'The Seven Mile Miracle'. Um trecho relativamente pequeno, mas onde quebram algumas das maiores – e melhores – ondas do planeta. Pipeline, Sunset, Waimea são as três mais famosas. Todos os anos, durante os meses de inverno, ondulações gigantes viajam pelo maior oceano da Terra antes de arrebentarem em forma de ondas nas praias do North Shore. O oceanógrafo Pat Cadwell é uma das maiores autoridades quando o assunto é previsão de ondas no Havaí. Cadwell mantém um escritório na Universidade do Havaí, em Honolulu, onde trabalha em conjunto com o governo havaiano. Segundo ele, "as ondulações que atingem



o Havaí são geradas por tempestades no extremo norte do oceano Pacífico". Faz muito anos que Pat Cadwell vem observando as tempestades entre o noroeste do Japão, a península de Kamchatka e o estreito de Behring. Alguns dos lugares mais sinistros e isolados da Terra. Onde, de acordo com Cadwell, "fica a fábrica de ondas". Segundo Pat : "É preciso que os ventos soprem com mais de 50 nós, por uns três dias, sobre uma vasta extensão do oceano para gerar ondas gigantes". Por conta da profundidade abissal que caracteriza o Pacífico norte, as ondulações viajam por milhares de quilômetros, no sentido anti-horário, sem perder energia, até atingir o arquipélago havaiano. "Por ser uma ilha oceânica, Oahu não tem plataforma continental". Esclarece Cadwell. "Por isso, toda a energia contida nas ondulações é transformada em toneladas de água salgada quando é despejada numa das muitas bancadas das ilhas havaianas."



PIPELINE: A ARENA FINAL

O veterano surfista Randy Rarick, uma das maiores autoridades em termos de surf, garante que mesmo com o passar dos anos Pipeline continua sendo a arena final. "O Pipeline Masters é a última prova da temporada, e é onde tudo, ou quase tudo, costuma ser decidido." Randy é o produtor da Tríplice Coroa Havaiana, a série de três campeonatos [Haleiwa, Sunset, Pipeline] – sendo o Pipeline Masters o último deles – que anualmente é disputada no North Shore. O fato é que nenhuma carreira decola sem que o surfista em questão tenha provado sua capacidade de surfar as grandes e poderosas ondas havaianas. Principalmente em Pipeline. Em geral, os surfistas surgem no cenário internacional depois de vencer campeonatos disputados em 'points' e 'beach breaks' em volta do mundo. Mas quando a maioria pisa em solo havaiano descobre que lá tudo é diferente. Uma espécie de outra dimensão do surf. A começar pela intensidade, tamanho e força das ondas. É preciso usar pranchas maiores e depender mais do que nunca de um bom preparo físico. Mas como toda regra tem sua exceção, o havaiano John John está aí para desafiar as estatísticas.



CESTRARI / ASP



Cenas do Pipe Masters:

Acima, Kelly Slater esbanja conhecimento para domar a onda de Pipeline.

Abaixo, Pipeline quebra grande durante a temporada. Na foto, o havaiano Kalani Chapman despenca do último reef.

E Jamie O'Brien abre os braços como um mágico que acaba de fazer o impossível em Pipeline



WHEATON / ASP



JIM MURPHY



A NOVA GERAÇÃO EM PIPELINE

John John cresceu surfando no North Shore. Morou em Rocky Point, e hoje sua casa fica no Ehukai Beach Park, a menos de 200 metros de Pipeline. Ao contrário da maioria dos surfistas da sua idade – ele tem 19 anos –, John John não precisa se adaptar às condições de surf no Hawaii. Para ele, surfar ondas fortes e extremamente tubulares é algo natural. Difícil é se adaptar às condições dos beach breaks de lugares como a França e o Brasil, onde são disputadas etapas da primeira divisão do Circuito Mundial. “Eu adoro morar aqui. Não conseguiria viver em outro lugar”, admite John John, que estreou na primeira divisão na metade do ano passado. Ele competiu em apenas cinco etapas do WT, e seu melhor resultado foi um 5º lugar em... Pipeline. Onde ele cresceu e aprendeu a surfar. Nada mais natural. Em 2012 John John terá a oportunidade de disputar, pela primeira vez na sua carreira, a temporada inteira da primeira divisão, uma vez que a ASP já anunciou que não irá mais promover o corte na metade do ano. Para sua carreira decolar, ele terá que adaptar seu estilo de surf às diferentes condições onde são disputadas as provas da primeira divisão, principalmente aos beach breaks. E John John está consciente disso: “Meu objetivo é surfar bem qualquer tipo de onda”. Se conseguir vencer campeonatos fora do Hawaii, John John pode conquistar o título mundial. Por que nos próximos anos ele deve vencer muitos campeonatos nas ondas havaianas. John John é o surfista havaiano mais competitivo desde Andy Irons. Um dos poucos com potencial para conquistar mais um título mundial para o Hawaii. Capaz de completar qualquer manobra, desde aeriais com rotações de 360°, até os tubos mais profundos, John John já está entre os melhores surfistas do North Shore. E tem surf pra derrotar qualquer um. E isso inclui Kelly Slater. Em Pipeline, está entre os três melhores do momento. Como ficou provado durante a final do Volcom Pro 2012. Quando ele derrotou seu amigo e mentor Jamie O'Brien – outro monstro em Pipeline – com uma onda surfada nos segundos finais. “Eu me inspiro em surfistas que fazem coisas novas, diferentes, ousadas. E o John John é um deles”, revela Jamie O'Brien, 28 anos, atualmente o principal adversário de John John pelo posto de ‘melhor surfista local em Pipeline’. John John é apenas um garoto. Que pensa e age como tal. Mas que tem uma leitura incrível da onda de Pipeline e se posiciona como poucos no meio do crowd. “Se o John John entrar na água, ele vai pegar as melhores ondas, pois conhece o lineup e é respeitado por todos os locais”, explica O'Brien, outro que sabe como poucos os segredos e os atalhos de Pipeline, onde o crowd é problemático. Um complicador a mais para os surfistas, que têm que levar em consideração uma série de coisas na hora de remar para uma onda da série. “Você não quer

dropar na onda errada. Ou no rabo de um local”, explica Liam McNamara, que surfa Pipeline há mais de 30 anos e já pagou seus carmas. “Alguns anos atrás quebrei o fêmur depois de uma vaca em Pipeline.” McNamara garante que “a onda era boa, mas alguma coisa deu errado. Fiquei praticamente um ano fora d'água”. Liam superou o trauma e voltou a surfar, mas garante que jamais vai esquecer o que aconteceu. “Qualquer surfista que disser que não sente medo em Pipeline estará mentindo.” Para Liam, “existe uma diferença entre ser maluco e ser estúpido”. Segundo McNamara, uma nova geração de surfistas de Pipeline surgiu nos últimos 10 anos e atualmente domina o pico. Segundo ele: “Muita gente considera Jamie (O'Brien) o melhor surfista de Pipeline na atualidade. Mas o John John está aí, vencendo em Pipeline”. Ninguém, nem mesmo aquele que é visto por muitos como o melhor de todos, está impune. “Eu já quebrei uma perna surfando em Pipeline e a outra em Backdoor”, lembra O'Brien, que mora numa casa em frente ao pico. “Eu faço tudo aqui. Mergulho, jogo bola, nado, surfo... Se desse onda o ano inteiro eu jamais sairia de Pipeline”, garante Jamie. Como todas as ondas, Pipeline tem suas peculiaridades. “Apesar de morar aqui e surfar quase todos os dias esta onda, estou sempre me surpreendendo com ela e descobrindo uma nova maneira de surfá-la”, revela Jamie. Quase uma década separa as datas de nascimento de Jamie O'Brien e John John Florence. Existe uma antiga e, de certa forma, fraterna amizade entre os dois. Mas nos últimos anos a rivalidade está crescendo e, inevitavelmente, interferindo na relação. “O Jamie é como meu irmão. A gente mora perto um do outro e se conhece há muito tempo”, explica John John. O fotógrafo Bernie Baker mora no North Shore desde 1972. Bernie é um sujeito inquieto e está sempre muito bem informado. Quando não está fotografando, ele se dedica a seus ‘outros empregos’. Bernie é um dos organizadores da Tríplice Coroa, há anos escreve uma coluna na revista Surfer, e vez por outra julga campeonatos amadores no Hawaii. “Eu acompanhei de perto a carreira do Jamie e também a do John John. Julguei muitas baterias deles.” Com a experiência que tem, Bernie garante que John John fez seu dever de casa estudando o estilo de Jamie, principalmente em Pipeline. “Não é possível alguém crescer na mesma praia do seu ídolo e não ser influenciado por ele.” Na visão de Bernie, “John John assistiu a dezenas de vídeos de Jamie surfando em Pipeline, aperfeiçoou sua técnica, e agora está prestes a superar o mestre”. O Volcom Pro 2012 foi um bom exemplo do nível em que se encontra a rivalidade entre Jamie e John John em Pipeline. No dia da final, as ondas tinham por volta dos 8 pés e abriam para os dois lados. Mas as direitas (de Backdoor) acabaram sendo decisivas. Jamie liderou a maior parte da final, mas John John surfou uma direita nos últimos segundos e acabou virando o resultado a seu favor. Jamie não acreditou.

“Eu adoro viver aqui, não conseguiria viver em outro lugar”,
John John Florence, havaiano, sobre Banzai Pipeline.
John John destila surf de altíssimo nível durante o Billabong Pipeline Masters in Memory of Andy Irons

"O Rei de Pipeline!" Kelly Slater é o maior vencedor do Pipeline Masters – seis vitórias. Na onda, em mais uma abordagem limpa e clássica do melhor surfista de todos os tempos. Kelly, John John e O'Brien, são os únicos que podem reivindicar o trono de Pipeline

KELLY SLATER: RECORDISTA EM PIPELINE

Claro que ninguém pode esquecer de Kelly Slater quando fala de Pipeline. Recordista no número de vitórias no Pipeline Masters – foram seis títulos conquistados entre 1992 e 2008 –, Slater sempre estará entre os melhores surfistas de todos os tempos. A bateria que Kelly e John John disputaram nas quartas de final do Pipeline Masters 2011 foi antológica. John John liderou a disputa até os momentos finais, quando Slater pegou uma onda e virou o resultado a seu favor. John John não acreditou e saiu da água visivelmente contrariado consigo mesmo. "Você não pode baixar a guarda contra o campeão", admitiu alguns dias depois. O fato é que Jamie (O'Brien), Kelly (Slater) e John John são os únicos surfistas – vivos – que podem reivindicar o trono de Pipeline. Os irmãos Irons poderiam estar entre os postulantes. Mas com a morte prematura de Andy, e com Bruce vivendo um ano sabático, atualmente Jamie, Kelly e John John estão sobrando na disputa pelo título de Rei de Pipeline.

Gabriel Medina vs John John Florence, uma disputa moderna entre Goofies VS Regulares.
Quem será o primeiro futuro Campeão Mundial?

DESTARI / ASP

RIVALIDADE OLÍMPICA? GABRIEL MEDINA X JOHN JOHN FLORENCE NASCE UMA RIVALIDADE

O brasileiro Gabriel Medina tem apenas 18 anos e já é considerado um fenômeno. Não sou eu quem está afirmando isso. São surfistas como Kelly Slater e Joel Parkinson, respectivamente o campeão e o vice-campeão mundial de 2011. Ambos já declararam que Medina vencerá um título mundial em futuro próximo. John John Florence tem 19 anos e estreou na primeira divisão em 2011. Suas atuações nas poderosas ondas havaianas, notadamente em Pipeline, e seu incrível talento como surfista vêm impressionando a todos que acompanham sua carreira. John John Florence e Gabriel Medina, estilos diferentes de surf de alto nível. O que eles precisam, talvez, é encontrar equilíbrio em diferentes ondas. John John, para ser um campeão, vai ter que aprender a surfar ondas de médio porte em beach breaks. Medina tem que se acostumar com as diferentes ondas grandes do World Tour, e se dar bem de verdade nas ondas do Hawaii. Com tanto lobby sendo feito para que o surf passe a ser reconhecido pelo COI (Comitê Olímpico Internacional) como um esporte olímpico, quem sabe um dia Gabriel e John John não disputam uma medalha de ouro?



GOOFIES X REGULARES EM PIPELINE

Curiosamente, entre os surfistas considerados como os 'melhores da atualidade em Pipeline' – John John, Jamie, Kelly, Bruce e Andy (em memória) – são regular footers. Ou seja, surfam com o pé esquerdo na frente e, portanto, de costas para a esquerda. Quem diria que ser goofy footer já foi vantagem em Pipeline? Ninguém sabe ao certo quem foi o primeiro a surfar em Pipeline. Nem quando isso ocorreu. Mas o fato é que em 1961 o regular footer californiano Phil Edwards entrou para a história como o pioneiro do pico. Outro californiano, Bruce Brown, que ficou famoso por produzir o clássico *Endless Summer*, estava junto com Phil naquele dia e registrou o momento histórico com sua câmera de 16 milímetros. As imagens foram imortalizadas no filme *Surfing Hollow Days*. "Phil levou o crédito, mas não foi ele o primeiro a surfar Pipeline. Os surfistas de Kailua - costa leste de Oahu - já vinham até o North Shore para surfar Pipeline nos anos 1950", garante o goofy footer Jock Sutherland, considerado um dos melhores surfistas de Pipeline no final dos anos 1960. Segundo Jock, que tem a honra de um pico do North Shore - Jocko's - ter sido batizado em sua homenagem, foi o shaper Mike Diffenderfer quem deu o nome de Pipeline à esquerda que quebra ao lado do Ehukai Beach Park. De acordo com Jock, "foi por conta de uns tubulões de ferro que estavam sendo instalados nos arredores da praia no dia em que Phil se aventurou e Bruce Brown registrou o feito".

Acima; na onda, o big rider Shane Dorian, regular Pipeline vs Backdoor; goofies vs regulares! Escolha seu próprio caminho...



GERBIC BARROS

SEAN DAVEY

MR. PIPELINE

Histórias e lendas à parte, o primeiro surfista a se destacar em Pipeline foi o californiano Butch Van Artsdale. Na primeira metade da década de 1960, Butch era um atleta privilegiado, e teria se tornado jogador de futebol americano se não fosse uma contusão que acabou com sua carreira nos gramados. Mas se o futebol perdeu um jogador, o surf ganhou um surfista que entrou para a história por sua coragem e habilidade. Principalmente em Pipeline, onde foi salva-vidas e é considerado o Mr. Pipeline original. Van Artsdale foi o primeiro a mostrar como se devia surfar uma onda tubular como aquela. Mas Butch acabou sucumbindo, vítima do alcoolismo. Felizmente ele deixou um legado e um herdeiro: Jock Sutherland, que dominou Pipeline na segunda metade da década de 1960, uma era revolucionária, quando o peso, o tamanho, as bordas e o fundo das pranchas sofreram mudanças fundamentais. Jock estava na vanguarda e predestinado a se tornar o primeiro 'surf star' da história. Mas em 1969 sua decisão de se alistar no exército, numa época em que a Guerra do Vietnã estava no auge, e muitos jovens americanos queriam servir o seu país, precipitou o final de seu reinado. Jock acabou não indo lutar na frente de batalha. "Fui salvo por uma capa de revista", conta rindo. "Um dos oficiais me reconheceu na capa da Surfer e acabou me arrumando uma vaga como reparador de cabos de telefone. E eu não precisei ir pra guerra." Apesar de não ter conhecido o inferno que foi o Vietnã, Jock sumiu por alguns anos do North Shore. Deixando o trono de Pipeline vazio. Rei morto, rei posto. Assim reza a cartilha. Pois foi no vácuo de Jock Sutherland que surgiu Gerry Lopez. Um surfista que muitos consideram como o verdadeiro Mr. Pipeline. Gerry Lopez já admitiu que Jock foi seu mentor. "Muita gente não lhe dá o devido crédito. Mas foi vendo-o surfar que eu entendi a onda de Pipeline", revela Lopez. "Uma vez Jock me disse que em Pipeline você deve angular a prancha para evitar embicar. Este toque mudou a maneira como eu passei a enxergar a onda." Gerry Lopez venceu dois Pipeline Masters seguidos (1972-73), mas hoje em dia é difícil vê-lo surfando no pico que é quase seu sobrenome. Atualmente, Lopez mora no estado do Oregon durante praticamente o ano inteiro, onde, entre outras coisas, pratica snowboard e exerce o ofício de shaper, desenvolvendo diferentes modelos de pranchas. Entre eles, alguns de stand-up paddle (SUP), sua mais nova paixão. E somente de vez em quando aparece no Hawaii. Este ano, Lopez assistiu às finais do Pipeline Masters como convidado VIP da organização e se disse impressionado com a nova geração. "É incrível como surfistas como Jamie O'Brien e John John Florence surfam Pipeline nos dias de hoje. Eles fazem coisas que no meu tempo jamais poderíamos imaginar", comentou do alto de seus mais de 40 anos de Pipeline. De fato, as pranchas evoluíram bastante desde o início dos anos 1970, quando Lopez reinava em Pipeline. O tamanho, as bordas, o fundo das pranchas... Tudo é completamente diferente nos dias de hoje. Em 1981 o australiano Simon Anderson promoveu uma revolução ao criar um novo modelo de prancha, que ele batizou de 'thruster' – 'verdadeira' em inglês – e que tem três quilhas. No início

da década de 1980, a maioria absoluta dos surfistas surfava com pranchas de duas quilhas, as populares 'twin fins', que tinham como principal característica duas quilhas gêmeas. A supremacia das 'twin fins' estava ancorada no sucesso do australiano Mark Richards, que entre 1979 e 1982 conquistou quatro títulos mundiais consecutivos surfando com suas pranchas de duas quilhas. Mas nem mesmo as 'twins' de MR foram unanimidade. Algumas estrelas da época, como o sul-africano Shaun Tomson, e os australianos Cheyne Horan, Tom Carroll e o próprio Simon Anderson, entre outros, jamais conseguiram se adaptar às pranchas de duas quilhas, e estavam buscando uma alternativa para a falta de 'drive' das 'twin fins', principalmente nas ondas grandes. Em 1981 Simon fez história ao vencer três campeonatos – entre eles o Pipeline Masters –, e poderia ter conquistado o título mundial com as suas 'thrusters' se tivesse competido em todas as etapas daquela temporada. "No início quase ninguém me levou a sério. Fui alvo de muita chacota. Mas depois que venci em Sydney, e na sequência em Bell's, num dos maiores dias da história, o mundo começou a prestar mais atenção na minha criação e a me levar um pouco mais a sério. Porém, foi a minha vitória em Pipeline, no final daquele ano, que acabou de vez com qualquer suspeita que rondava as 'thrusters'", afirma Simon. A rigor, as 'thrusters' tinham algumas diferenças básicas se comparadas às 'twin fins'. "As primeiras que eu fiz tinham um outline muito paralelo,

que fui adaptando", explica Simon. Essencialmente, o diferencial das 'thrusters' em relação às 'twin fins' é uma terceira quilha, fixada entre as duas laterais, que funciona como uma espécie de pivô, proporcionando mais positividade para a prancha e segurança para o surfista. Principalmente em ondas grandes. Hoje em dia, 99% dos surfistas usam pranchas com 3 quilhas. Independentemente do tamanho e do outline da prancha. Porém, na primeira metade da década de 1970, as 'single fins' reinavam sozinhas. Em Pipeline, por exemplo, por volta de 1972, todos seguiam o padrão das 'Hawaiian guns', modelo desenvolvido pelo lendário shaper Dick Brewer, que incorporou o fundo em formato de V – o 'V-bottom' –, criado pelo shaper australiano Bob McTavish. As ideias de Brewer – muitas delas inspiradas nos experimentos feitos por McTavish –, aplicadas a um novo e revolucionário modelo de prancha, foram fundamentais para que ocorresse uma mudança na maneira de surfar Pipeline. Em questão de meses, as 'Hawaiian guns' dominaram a cena do início da década de 1970, uma vez que os melhores surfistas – entre eles Gerry Lopez e Jeff Hakman – adotaram aquele modelo como o vigente. Além de excelente surfista, Gerry Lopez também é um shaper de primeira linha. E usou sua experiência como surfista para aperfeiçoar o modelo criado por Brewer e dominar Pipeline por quase uma década. O resto é história...



Para a história! Campeão do Presente e Campeão Eterno. Kieren Perrow e Gerry Lopez, no pódio do Billabong Pipeline Masters in Memory of Andy Irons 2011

O PRIMEIRO PIPELINE MASTERS: O DIA EM QUE GERRY LOPEZ NÃO APARECEU PARA COMPETIR

Foi o 'regular footer' havaiano Jeff Hakman o campeão do primeiro Pipeline Masters, em 1971, num dia em que Lopez – um dos seis surfistas convidados – não apareceu para competir. "Eu estava na praia de manhã cedo. Mas o mar estava ruim, o vento maral e 'alguém' me disse que não ia rolar o campeonato. Dai eu fui embora pra casa", relembra Gerry, com um sorriso maroto no canto da boca. O detalhe é que naquela época Lopez ainda morava em Honolulu – que fica a cerca de 1 hora de Pipeline – e somente a noite, depois do jantar, quando sentou em frente à televisão para degustar um sorvete de sobremesa, foi que ele descobriu que Jeff Hakman havia entrado para a história depois de vencer o primeiro Pipeline Masters. "What?!", surpreendeu-se Lopez. Mas nos dois anos seguintes a história foi diferente. Lopez competiu e venceu o Pipeline Masters, e entrou para a história como o verdadeiro Mr. Pipeline.

GERRY E O MOVIMENTO OLÍMPICO

Gerry Lopez pode ter não aparecido no primeiro Pipeline Masters. Mas ele apareceu recentemente nas páginas de uma grande agência de notícias (Reuters) fazendo campanha para a inclusão do surf como esporte nas Olimpíadas. Aos 63 anos de idade, Gerry Lopez, apelidado de "Mr. Pipeline" e venerado como uma espécie de guru do surf, é um nome de peso a falar abertamente do assunto no início deste ano. Lopez afirma que o surf tem muito mais praticantes do que muitos esportes que fazem parte do quadro olímpico, e já por isso enxerga uma grande oportunidade da inclusão da modalidade nas Olimpíadas: "Eu apoio a ideia de surfar nas Olimpíadas. Temos esportes como badminton! Quantas pessoas estão diretamente envolvidas com esse esporte ao redor do mundo? Não muitas, certo?", disse Mr. Pipeline, que derrubou a questão contraposta de que, como afirmam alguns, o surf pode perder sua 'alma' se entrar nos Jogos, e aposta na popularidade do esporte como seu maior trunfo. "Acho que o surf não ficará mais comercial do que já é. Isso é a evolução do esporte. Mais pessoas surfam hoje do que na minha época, esse é um fato, e devemos aceitar. O surf contaminou os jovens de todo o mundo. Então por que não colocar o esporte na Olimpíada?", questionou Lopez. Com um lobby desse calibre, o movimento de inclusão do surf nos Jogos Olímpicos ganhou um forte aliado. 🌊

GESTANI / ASP

Gerry Lopez, o Mr. Pipeline; o Rei do Estilo.

A imagem do Mestre Lopez está totalmente ligada a Pipeline. Ele dominou a onda no início da década de 1970, com uma abordagem única e límpida, o que fez jus a outro apelido, de Mestre

ESTATÍSTICAS FINAIS

Total de prêmios oferecido pelo Pipe Masters de 1971 a 2012: U\$ 4.842.600

Número de 'regulares' que venceu no evento de 1971 a 2011: 25

Número de 'goofies' que venceu no evento de 1971 a 2011: 16

LOPEZ LIGHTNING – 1970 - 1974

1971: Fundada por Fred Hemmings, a primeira competição em Pipeline foi chamada de "Continental Airlines Hawaiian Masters Surfing Championship". Segundo a história, Gerry Lopez perdeu (não participou) sua bateria porque estava mal informado por Corky Carroll [como conta Rosaldo nesta mesma revista]. É interessante notar que o primeiro Pipe Masters foi ganho por um 'regular', indo para a esquerda, quase sem destaque na mídia – nada.

1.Jeff Hakman **2.**Mike Armstrong **3.**Corky Carroll **4.**Jim Blears **5.**Billy Hamilton **6.**Jock Sutherland

1972 - 1973: O segundo e o terceiro Hawaiian Surfing Classic também aconteceram com seis surfistas. Gerry Lopez apareceu e ganhou ambos os eventos, sempre indo para a esquerda. A *Surfing Magazine* escreveu: "Realmente não houve concurso. Lopez levou mil dólares para casa. Os outros dividiram o que sobrou".

1972: **1.**Gerry Lopez **2.**Mike Armstrong **3.**Larry Bertlemann **4.**Sam Hawk **5.**Jeff Hakman **6.**Jim Blears

1973: **1.**Gerry Lopez **2.**Jeff Hakman **3.**Rory Russell **4.**Mike Armstrong **5.**David Balczerek **6.**Richard Harvey

1974: Oito surfistas convidados surfaram em condições grandes em Pipeline. Jeff Crawford pega um longo tubo numa bomba de 10 pés e se torna o primeiro cara da Costa Leste a ganhar o Pipe Masters.

1.Jeff Crawford **2.**Rory Russell **3.**Gerry Lopez **4.**Tom Padaka **5.**Mike Armstrong **6.**Jim Blears **7.**Reno Abellira **8.**Butch van Artsdalen

O Pipe Masters tinha sido vencido apenas uma vez por um 'regular', e três vezes por um 'goofy'.

FREE RIDERS – 1975 - 1980

"Quando eu ganhei o Masters, em 1975, acho que com certeza foi um virada significativa." – Shaun Tomson

1975: Seis surfistas convidados. As condições não eram ideais: "Foi tão terrível", diz Rory Russell. "Só que era uma chance de ganhar mil dólares". Australianos e sul-africanos ganham a cena. Bruce Raymond, Mark Richards, Peter Townsend, Michael Tomson e Wayne Bartholomew. Usando uma prancha 'Pink Banana' shapeada por Spider Murphy, da África do Sul, Shaun Tomson chega à final cercado por 'goofies', e ganha. O ataque de backside começa.

1.Shaun Tomson **2.**Rory Russell **3.**Jackie Dunn **4.**Mike Armstrong **5.**Gerry Lopez **6.**Jeff Crawford

1976: Nove 'regulares' e nove 'goofies'. Três rounds em baterias de seis surfistas... Pipe desce de 6 a 8 pés, mas fechando. Os 'goofies' retomaram a competição. O Príncipe e o Rei de Pipeline, Rory e Lopez. O brasileiro Pepê Lopes teve uma grande atuação no evento e fez história no Pipe Masters.

1.Rory Russell **2.**Gerry Lopez **3.**Paul Naude **4.**Mark Richards **5.**Mike Armstrong **6.**Pepê Lopes

1977: As condições da primeira bateria eram horríveis, enquanto as finais foram clássicas. A galera do Big Wednesday estava no North Shore, a geração Free Ride. Lopez perde sua bateria e sai. Há uma tensão entre aussies/sul-africanos e os havaianos. A final tinha n'água dois 'goofies' e quatro 'regulares', mas Rory Russell esculacha os rivais.

1.Rory Russell **2.**Shaun Tomson **3.**Michael Ho **4.**Simon Anderson **5.**Buzzy Kerbox **6.**Jeff Crawford

1978: 36 competidores, e os azarões Joey Buran e Larry Blair se encontraram em uma final cercados por lendas. Buran perdeu, mas ganhou o Hawaii pegando tubos muito profundos e se fazendo respeitar por suas atitudes. 1978 marca uma troca de guarda, com Russell e Lopez fazendo a última aparição.

1.Larry Blair **2.**Rory Russell **3.**Hans Hedemann **4.**Gerry Lopez **5.**Joey Buran **6.**Dane Kealoha

1979: "4-6 pés nas preliminares", segundo Leonard Brady, e "5-8 pés nas finais, com vento nordeste para fazer as direitas, tão boas quanto as esquerdas." Larry Blair ganha outra em uma final com dois 'goofies' e quatro 'regulares'. De acordo com Matt Warshaw: "Dane Kealoha atingiu o limite de 10 ondas e saiu do mar antes dos 20 minutos de bateria, e teve que assistir da praia Larry Blair pegar um profundo tubo que o cuspiu, com os braços levantados, numa linda baforada. Dane era o surfista mais progressivo da época".

1.Larry Blair **2.**Dane Kealoha **3.**Shaun Tomson **4.**Mark Richards **5.**Larry Bertlemann **6.**Tom Carroll

1980: "US\$ 16.000, swell de 8 a 12 pés", segundo Matt Warshaw, que citou Bernie Baker. "Com as ondas maiores engolindo as menores, o surf mais casca que se pode imaginar." Mark Richards é o primeiro de quatro 'regulares' a ganhar a competição entre 1980 e 1983 (indo para a esquerda).

1.Mark Richards **2.**Simon Anderson **3.**Dougall Walker **4.**Joey Buran **5.**Dane Kealoha **6.**Kainoa Downing

Até agora, são três 'regulares' e sete 'goofies'.

A HISTÓRIA DO PIPE MASTERS

POR BEN MARCUS

PASSANDO POR BACKDOOR – 1981 - 1990

“Fiz um pacto comigo mesmo de que eu não ia recuar. Eu ia correr o risco de morte porque queria ganhar.” – Simon Anderson

1981: Jim Banks, Bruce Hansel e Louie Ferreira se machucam feio nas baterias iniciais. O havaiano Buttons Kaluhiokalani comete interferências em Shaun Tomson e perde a chance de vencer. Simon Anderson ganha a final usando sua nova “thruster” – prancha de 3 quilhas – e muda o surf.

- 1.**Simon Anderson **2.**Alan Byrne **3.**Buttons Kaluhiokalani **4.**Wayne Bartholomew **5.**Bobby Owens **6.**Shaun Tomson **7.**Chris Barela

1982: US\$ 20.000 em prêmios e uma triagem só para locais, e também uma superbateria, com as lendas Gerry Lopez, Larry Blair e Rory Russell. O primeiro ano de uma final de quatro homens. O ataque de backside alcança um novo nível quando Martin Potter, de apenas 16 anos, pega uma bomba gigante e entuba como ninguém antes. E então, de acordo com Neil Ridgeway: “Tal é o domínio do local. O havaiano Michael Ho ganha o Pipeline Masters com o pulso imobilizado, resultado de uma briga de bar na noite anterior”. Disse Matt Warshaw: “Ho correu os tubos de um jeito tão natural que foi como se estivesse caminhando pelo corredor até chegar na sala de estar”. Deve-se notar que isso era uma final só de ‘regulares’, mas Pipeline, não Backdoor. “Essa performance de Ho assumidamente influenciou Kelly Slater”.

- 1.**Michael Ho **2.**Mark Richards **3.**Hans Hedemann **4.**Shaun Tomson

NASCE BACKDOOR – 1983

“O primeiro cara a surfar Backdoor e ser campeão foi Dane Kealoha.” – Peter Townend

1983: Steve “Beaver” Massefeller quase morre em uma vaca e sai de helicóptero. Chris Lundy torce o joelho e condena sua participação. Ian Cairns e a ASP usurpam Randy Rarick e Fred Hemmings e a IPS. Ian tira do calendário da ASP as competições havaianas e proíbe os surfistas de correr no Hawaii. Dane Kealoha compete e ganha. Mas, como surfista da ASP, tiram-lhe o título. A final é realizada em condições não perfeitas de Pipeline, e com Backdoor muito desafiadora. Disse Gerry Lopez: “O ano em que Dane ganhou”.

- 1.**Dane Kealoha **2.**Michael Ho **3.**Derek Ho **4.**Buzzy Kerbox

Até agora, são seis ‘regulares’ e sete ‘goofies’.

PIPELINE DE 10 A 15 PÉS!

1984: Ondas com 10-15 pés. A competição de surf mais emocionante desde 1974. Conta Jason Borte no Surflife: “As condições eram perfeitas. Tom Carroll e Derek Ho tinham surgido como mestres, e Joey Buran se tornou o primeiro vencedor californiano na história do evento”. Na final, cinco ‘regulares’, um ‘goofy’, e velhos e novos nomes.

- 1.**Joey Buran **2.**Mark Occhilupo **3.**Max Medeiros **4.**Wayne Bartholomew **5.**Derek Ho **6.**Tom Carroll

1985: Um mar quase fora de controle. Jon Damm pega uma onda só, Buttons Kaluhiokalani não pega uma onda sequer e Dane Kealoha tem que ser retirado do canal. O aussie ‘goofy’ Rabbit Bartholomew está lá e espelha coragem no jovem Mark Occhilupo. Numa Pipeline gigante, Occy tem uma namorada na praia e o pai dela está impressionado: “Aquele garoto tem colhões”.

- 1.**Mark Occhilupo **2.**Ronnie Burns **3.**Max Medeiros **4.**Mickey Neilson **5.**Wayne Bartholomew **6.**Michael Ho

1986: Os japoneses são patrocinadores e o Pipe Masters passa a ser um evento da ASP. Nas semifinais, Derek Ho tira um 10 perfeito com um tubo de 6 segundos. A onda abre o documentário Pipe Masters de Stacy Peralta, é pura beleza.

- 1.**Derek Ho **2.**Tom Carroll **3.**Chris Frohoff **4.**Brian McNulty

1987: A primeira vitória de Tom Carroll é um grande drama. Ele é avisado de que sua irmã tinha morrido em um acidente de carro. Entra no mar e derrota todos os goofies em condições quase perfeitas, 8 a 10 pés: “Me senti como se estivesse surfando com ela”.

- 1.**Tom Carroll **2.**Ronnie Burns **3.**Derek Ho **4.**Barton Lynch

1988: O aussie Robbie Page adiciona seu nome à lista de ganhadores do Pipe Masters, num dia de mar pequeno. E Tom Curren aparece pela primeira vez em uma final.

- 1.**Rob Page **2.**Damien Hardman **3.**Tom Curren **4.**Glen Winton

1989: US\$ 80.000 em prêmios. Gary Elkerton estava com muita moral no Hawaii e ganhou o Pipe Masters surfando Pipe de backside, e ainda levou a Tríplice Coroa. Essa foi a última aparição de Ronnie Burns, que foi até a final, mas morreu em um acidente de moto no verão seguinte.

- 1.**Gary Elkerton **2.**Vetea David **3.**Cheyne Horan **4.**Ronnie Burns

1990: Tom Carroll ganha seu segundo campeonato e o título de mestre, em uma final que tem dois ‘goofies’ e dois ‘regulares’.

- 1.**Tom Carroll **2.**Jeff Booth **3.**Ross Clarke-Jones **4.**Richard Marsh

1991: US\$ 100.000 para um espetáculo de Tom Carroll. Em ondas gigantes de 12 a 15 pés, Tom Carroll manda manobras poderosas embaixo do lip, que ficam conhecidas como “The Snap”. A final é uma batalha de gladiadores de Pipe: Tom Carroll e Derek Ho. Carroll dropa superatrasado e faz uma longa cavada gigante para uma freada no meio do tubo. Resultado, duas notas 10.

- 1.**Tom Carroll **2.**Derek Ho **3.**Glen Winton **4.**Damien Hardman

Até agora, Pipeline foi ganho 7 vezes por ‘regulares’ e 14 vezes por ‘goofies’.

O ataque as ondas de Pipeline tem personagens distintos nesses 40 anos de Masters.

Um deles foi Tom Carroll, que tem uma das histórias mais dramáticas.

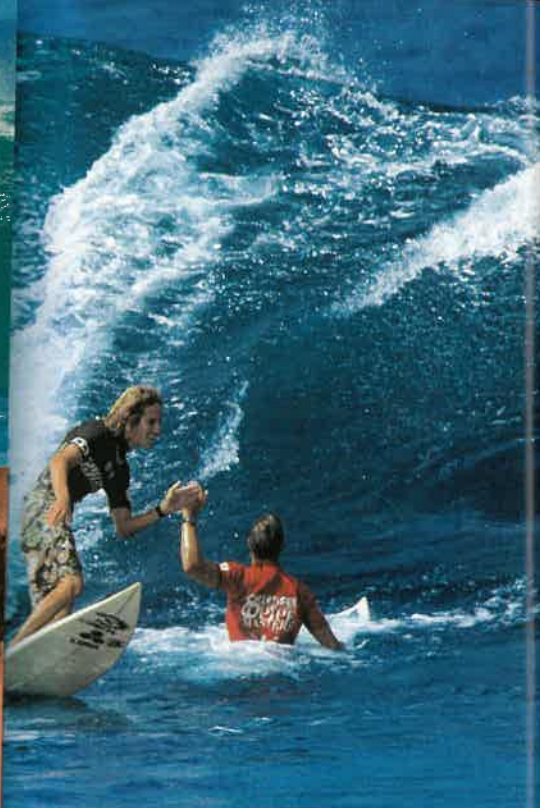
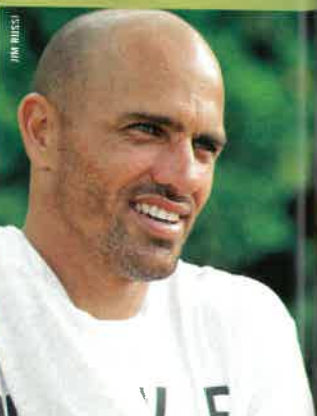
Entre tristezas e alegrias, a leitura da onda de Pipe por Carroll mudou para sempre os rumos do North Shore.

Na onda, o australiano participa em 2010 de uma bateria exibição junto de outros legends do Pipeline Masters

A HISTÓRIA DO PIPE MASTERS



Cenas e Campeões do Pipe Masters: Gerry Lopez, Jamie O'Brien, Rob Machado, Kelly Slater, Johnny 'Boy' Gomes, Derek Ho, Jeff Crawford, Jeff Hakman, Gary Elkerton, Mark Richards, Rory Russell, Kieren Perrow, Shaun Tomson, Occy, Bruce e Andy Irons, Dane Kealoha, Taj Burrow, Jeremy Flores



A NOVA ESCOLA – 1992 - 2000

"Kelly reinventou o grab de backside." - Shaun Tomson

1992: O primeiro Pipeline Masters de Kelly Slater. Com direito a drama de Sunny Garcia, que se feriu feio em uma onda de Backdoor. Mas ele insiste e vai à final, e se machuca de novo, não ganha, mas entra para a história. Já na água, Slater pergunta a Barton Lynch e Liam McNamara se eles vão parar de surfar e deixar Sunny ganhar. Barton diz que sim, Liam diz que não. Slater vira a bateria com dois minutos para o término, e, mesmo indo para o hospital, Sunny termina em segundo.

- 1.Kelly Slater 2.Sunny Garcia 3.Liam McNamara 4.Barton Lynch

1993: Liam McNamara (de novo), Erin Grabarek, Larry Rios e David Cantrell chegaram às finais, mas quem levou foi o havaiano Derek Ho, conquistando um bicampeonato, pois já havia ganhado em 1986.

- 1.Derek Ho 2.Kelly Slater 3.Larry Rios 4.Jeff Booth

1994: Em 1994 o Pipe Masters não foi o evento final da temporada da ASP. Para emplacar um patrocínio maior, a temporada termina na Austrália. Pipeline, por sua vez, sentiu o clima e respondeu com uma final nas piores condições da história do evento. O evento mingou e a final aconteceu no Ehukai Beach Park.

- 1.Kelly Slater 2.Vetea David 3.Sunny Garcia 4.Ross Williams

1995: O Pipe Masters de 1995 resumiu a corrida pelo título mundial entre Kelly Slater, Sunny Garcia e Rob Machado. Sunny Garcia caiu em uma bateria precoce. A corrida ficou entre Machado – elegante, devoto de Gerry Lopez –, e Kelly Slater – mais nos moldes misturados de Shaun Tomson e Tom Curren, que se enfrentaram nas semis. Para Machado vencer o título, bastava avançar à final, enquanto Slater tinha de vencer o campeonato. "Ele estava indo para a esquerda, e eu, para a direita", disse Slater. "Eu disse, 'Rob, vá para a direita, as direitas estão demais!'", Machado disse: "Estávamos tão animados só observando essas ondas perfeitas vindo para nós que esquecemos o que estávamos fazendo". Faltando alguns minutos para terminar, Machado entubou em uma esquerda e cumprimentou Slater com um 'high-five', momento que entrou para a história do surf. Machado ignorou a competição para se divertir. Slater remou na última onda e virou a bateria. Na final, venceu Occy e ganhou a competição para levar o título mundial.

- 1.Kelly Slater 2.Mark Occhilupo 3.Shane Dorian 3.Rob Machado

1996: Mais uma vitória de Kelly Slater em uma competição que favoreceu Backdoor na maioria das baterias. Para ele, de front ficou fácil.

- 1.Kelly Slater 2.Sunny Garcia 3.Guilherme Herdy 3.Kaipo Jaquias

1997: Johnny Boy Gomes e Michael Ho chegaram à final – com Shane Dorian e Sunny Garcia na semifinal. Duelo de gigantes, o que significa que este foi outro Pipe Masters que favoreceu Backdoor.

- 1.Jonny Boy Gomes 2.Michael Ho 3.Shane Dorian 3.Sunny Garcia

1998: US\$ 120.000 e ondas grandes nos quatro dias de competição. A bateria final, excelentes 6-8 pés abrindo para os dois lados. Eram todos 'regulares' a partir das semifinais. "A final de mais tensão que a competição já teve", disse Stacy Peralta. Bruce Irons e Jake Paterson travaram um duelo de alto nível em Backdoor. Para soar a buzina, Bruce pegou uma onda até a areia e assumiu a liderança. Jake, nos momentos derradeiros, despencou em uma onda e um tubo impossível em Backdoor e estragou a festa havaiana.

- 1.Jake Paterson 2.Bruce Irons 3.Kelly Slater 4.Ross Williams

1999: O ídolo moderno Kelly Slater fatura o seu quinto Pipe Masters. "Kelly ganhou mais competições do que ninguém em Pipe", disse Gerry Lopez. "E, claro, com muita propriedade." Shaun Tomson concordou: "Quando eu olho a cronologia do Pipeline Masters, há os Pipes de antes e depois de Kelly Slater".

1. Kelly Slater 2.Shane Wehner 3.Mark Occhilupo 4.Matt Hoy

Até agora, o Pipe foi ganho 14 vezes por 'regulares' e 15 vezes por 'goofies'.

A ERA DOS IRONS – 2000 - 2006

“No Hawaii, os irmãos Irons representavam aquela nova geração. Eles cresceram vendo o Kelly nas ondas de Pipe e Backdoor...” – Randy Rarick

2000: O evento foi realizado entre 6 e 12 pés durante três dias de competição. Kelly Slater tinha dado uma pausa das competições e estava fora. “Em uma reviravolta irônica, o campeão do Pipe Masters foi Rob Machado, que levou a coroa para casa, aquela mesma que tinha perdido para Slater em 1995”, disse Stacy Peralta. “Com uma performance cheia de alma que prestou homenagem à Velha Escola.”
1. Rob Machado 2. Michael Lowe 3. Renan Rocha 3. Bruce Irons

2001: O reinado dos Irons começa no Pipeline Masters de 2001. Os prêmios alcançam os US\$ 150.000, quando Bruce Irons quase consegue vingar a derrota para Patterson. Kelly Slater tira um 10 na semifinal contra Andy Irons e avança para a final contra Bruce. O caçula dos Irons conquista uma vitória justa e limpa surfando Pipe e Backdoor. As raízes do Kauai, a rivalidade fraterna e o desejo de derrotar Slater fazem de Bruce o campeão desse ano.
1. Bruce Irons 2. Kelly Slater 3. C.J. Hobgood 4. Jamie O'Brien

2002: Up! US\$ 250.000 em premiação. A primeira vitória de Andy Irons, mais o título mundial. Ele surfou a final com três outros grandes surfistas de Backdoor. “Andy é impressionante em Pipeline”, disse Shaun Tomson. “Mas Andy não seria quem é sem duas pessoas: Bruce e Kelly.”
1. Andy Irons 2. Shane Dorian 3. Kelly Slater 4. Mick Fanning

2003: Andy vs. Kelly. Quem ganhar o Pipe Masters leva o Título Mundial. “Foi um duelo épico”, disse Slater. “Nós tiramos o melhor um do outro surfando juntos.” Numa final que foi escrita com quatro dos melhores ‘regulars’ da história, Andy Irons venceu Pipe, a Tríplice Coroa e o título mundial.
1. Andy Irons 2. Joel Parkinson 3. Phillip MacDonald 4. Kelly Slater

2004: O Rip Curl Pro de US\$ 260.000 teve quatro residentes do Hawaii na final. Jamie O'Brien cresceu na praia de Pipeline e a surfa em seus sonhos. A partir das triagens, ele fez o caminho até a final e mostrou aonde o conhecimento local pode te levar. “Eu ainda viajo que ganhei um Pipe Masters”, Jamie O'Brien disse. “Eu vivi esse sonho.” (US\$ 2.457.600)
1. Jamie O'Brien 2. Sunny Garcia 3. Kalani Robb 4. Bruce Irons

2005: As condições do Rip Curl Pro Pipeline Masters foram sólidas ao longo de toda a competição, sempre acima dos 6 pés. Kelly e Andy estavam mais uma vez na corrida pelo título mundial, que terminou no Brasil, com Slater conquistando o título. Andy, batido, precisava de algo para se sentir melhor, e então tirou um 10 perfeito, com dois tubos na mesma onda para vencer o Pipe Masters e a Tríplice Coroa.
1. Andy Irons 2. Mick Fanning 3. Bruce Irons 4. Kalani Chapman

2006: Uma final dramática. E Backdoor mostrou o quanto havia se tornado importante. Cory Lopez e Rob Machado estavam entubando esquerda atrás de esquerda, mas que apenas serviram de pano de fundo para as diretas de Kelly Slater e Andy Irons. Kelly parecia já ter faturado o Masters, mas tomou uma invertida de estratégia nos segundos finais, e Andy Irons ganhou mais uma vez do rival numa onda incrível em Backdoor.
1. Andy Irons 2. Kelly Slater 3. Cory Lopez 4. Rob Machado

Mudança de direção. Até agora, o Pipe foi ganho 20 vezes por ‘regulars’ e 16 vezes por ‘goofies’.

‘REGULARS’ DOMINAM: 2007 ATÉ AGORA

2007: Algumas pessoas culpavam o “aquecimento global” pelas ondas pequenas daquela edição do Pipe. As finais aconteceram em Off the Wall. E entre quatro ‘regulars’ na final, o australiano Bede Durbidge ganhou o Pipe Masters e a Tríplice Coroa.
1. Bede Durbidge 2. Dean Morrison 3. Pancho Sullivan 4. Joel Parkinson

2008: O Pipe Masters de 2008 subiu para US\$ 320.000 os prêmios e colocou as finais no homem a homem. Slater surfou quatro vezes no último dia, somando notas 19,00, 18,63 e 19,40 – de possíveis 20 pontos – até chegar à bateria final contra Chris Ward. Morna, a final foi uma chatice em termos de surf. Essa era a 10ª vez que Kelly chegava à final em Pipe. “Ganhar esse evento, 9 anos depois, é uma loucura”, disse Kelly, que levou para casa o melhor troféu já oferecido: uma prancha assinada pelo próprio Gerry Lopez. Chris Ward perdeu a Tríplice Coroa, que ficou nas mãos de Joel Parkinson, que chegou atrasado na cerimônia de entrega das coroas... Parece que ele achou que já tinha perdido a oportunidade.
1. Kelly Slater 2. Chris Ward 3. Tim Reyes 3. Adrian Buchan

2009: O “Dia da Austrália”, quando Taj Burrow venceu o Pipe Masters, Joel Parkinson venceu a Tríplice Coroa e Mick Fanning foi o campeão do mundo. Antes da final, uma bateria de legends: Gerry Lopez e Rory Russell; e uma canja de Jamie O'Brien. Na final, Taj Burrow contra Kelly Slater. Tubos. Mas quando as ondas não estão colaborando, é hora de fazer curvas. E as curvas de Taj são melhores. “Sou um escoteiro feliz”, disse Burrow, enquanto mostrava um cheque de US\$ 90.000.
1. Taj Burrow 2. Kelly Slater 3. Dean Morrison 3. C.J. Hobgood

2010: O Billabong Pipe Masters em memória de Andy Irons foi marcado pela comoção. O francês Jeremy Flores, ganhou de Kelly Slater na semifinal e de Kieren Perrow na final. As condições no último dia foram cleans, de tubos para ‘regulars’ em Backdoor. Flores precisava de 8,60 pontos e o relógio corria. Ele entubou de novo e tirou um 9,37. Jeremy foi o primeiro europeu a vencer o Pipe Masters. “Um sonho”, disse Flores. “E o Pipe Masters é tudo. Estou amarradão.” Em paralelo, esse foi o 20º Pipe Masters de Kelly: “Tenho um monte de boas lembranças. Meu primeiro Pipe Masters é o melhor de todos, por causa dos caras contra quem eu surfei. Eu vi surfistas como Tom Carroll, e fiquei sentado na praia abismado.”
1. Jeremy Flores 2. Kieren Perrow 3. Kelly Slater 3. Dane Reynolds

“A Era dos Irons”. Os irmãos Andy e Bruce Irons protagonizaram verdadeiros shows no Pipeline Masters. Regular, de frente para onda de Backdoor, Andy chegou a ser imbatível. Como em 2006, que ele surfou como ninguém e impôs com moral mais uma derrota em seu maior rival, Kelly Slater. Mr. Andy Irons

2011: Kieren Perrow finalmente conseguiu o título de mestre do Pipe Masters, numa competição em que os prêmios chegaram aos US\$ 425.000. Kieren Perrow é um surfista grande e agressivo nas ondas. Pipe com 12-15 pés no primeiro dia, 8-12 pés no segundo e 6-8 pés com maiores no último dia. Kelly Slater mais uma vez era o homem a ser batido, e tirou John John Florence nas quartas. Mas o aussie Joel Parkinson jogou as fichas em Kelly e o derrotou no último tubo. Parko nunca tinha vencido o Pipe Masters, mas Perrow, de 32 anos, estava naqueles dias que ele mesmo chamou de ‘auge’, e levou o título: “É duro perder”, disse Parkinson.

“Mas não consegui pensar em ninguém mais merecedor do que Kieren (Perrow). Ele é um verdadeiro mestre de Pipe. Estou feliz porque foi ele quem ganhou”.
1. Kieren Perrow 2. Joel Parkinson 3. Kelly Slater 3. Michel Bourez

Regulars dominam. Até agora, o Pipe foi ganho 25 vezes por ‘regulars’ e 16 vezes por ‘goofies’.

Pipeline Masters, em grandeza, a maior competição de surf do mundo. No final de 2012, tem mais... Quando as séries entrarem pra cima de Pipeline e Backdoor. 🐬

authentic brazilian style - Florianópolis



GRUPO EIXO © - 2012 - FONE: (11) 2693-8731



TROPICAL BRASIL

No dia 4 de janeiro de 2012, Jaws presenteou os big riders com um swell histórico. Na foto, dois brasileiros, Danilo Couto (direita) e Carlos Burle (meio) dividem bomba que rendeu a Danilo indicação ao Billabong XXL

por Patrick McFeeley (e Yuri Soledade)

Às 10h da manhã de um dia especial, mais de trinta surfistas pegadores de ondas realmente grandes estão alinhados no lineup. Voos e drops insanos marcam o maior desafio homem vs. natureza nesta temporada, no braço e na remada, onde êxito e drama andam lado a lado das mandíbulas de Jaws.

AIRJAWS

OS LIMITES DO ESPORTE



NO BRAÇO E NA REMADA

Mais de trinta jet-skis e seus pilotos-surfistas de tow-in ficam sentados na praia ou sobre o cliff, e alguns na margem bem atentos à segurança n'água, observando aqueles que se aventuram com cada vez mais coragem ao surf de remada. O surf de ondas grandes mudou para sempre, e aparentemente o impossível aconteceu: surfar na remada as ondas gigantes em Jaws. O pico nunca mais será o mesmo depois dessa temporada – após 18 anos do provável primeiro drop, de windsurf, que registrei para a eternidade –, a onda está mais feroz do que nunca. Paredes de 30, 40, 50 pés de altura, ou maiores, movendo-se como relâmpagos... Vagando totalmente na vertical, para quebrar sobre a bancada como uma cachoeira gigante, faz jus ao nome, uma "mandíbula" que pode esmagar pescoços e devorar qualquer coisa que esteja em seu caminho. Surfistas sobre pranchas de 10 ou mais pés, com 3 e 5 quilhas, designs que se originaram há muito tempo, nos anos 1970, estilizadas para os anos 2010, preencheram o lineup de Jaws, dando cores e vida para Peahi, reafirmando que a temporada passada foi transformadora, e que agora se tornou realidade no surf de big-rider na remada. Air Jaws, nome deste artigo, é uma referência específica às "mandíbulas voadoras" de Jaws, que impõe aos surfistas a dádiva de literalmente voar. Esse é um dos maiores desafios do homem à natureza, uma verdadeira quebra de limites para o ser humano. Homens como pássaros gladiadores do futuro.

O big rider australiano Jeff Rowley em uma bomba de 50 pés em Jaws.

De acordo com notícia publicada em seu site oficial,

ao surfar esta onda, Rowley "se tornou o primeiro australiano a surfar ondas deste calibre sem o auxílio de jet skis"

TRABALHO JAWS E BASTIDORES

Naquele dia, acordei bem cedo, por volta das 4 horas da manhã... Havia um zumbido no ar, um frisson na psique que indicava algo especial prestes a acontecer. A previsão para o tow-in não foi tão animadora, mas para os caras da remada, especialmente os surfistas brasileiros chamados de 'mad dogs', era um dia de perseguir ondas impossíveis. Desfilaram pelas ondas Yuri Soledade, Danilo Couto, Marcio Freire e seu membro mais recente dos cachorros bravos, Lapo Coutinho. A história começa lá atrás, com a visão de que era possível surfar Jaws no braço. Antes enxergado como puro suicídio, agora a situação é vista de maneira mais suave. Quando me dei conta, eles já remavam em direção às ondas de Jaws. Eu já vi Jaws quebrar no dobro de tamanho para o tow-in, mas aquele dia no braço tinha algo a mais. Numa seção anterior de surf, Shane Dorian e sua galera pegaram umas bombas e chamaram os 'mad dogs' para uma conversa. Os grupos fizeram um acordo entre si: da próxima vez que Jaws quebrasse até onde suportasse a remada, eles iriam empurrar os limites do surf. E assim o fizeram... Mesmo com tanto barulho, o zumbido se tornou um silêncio quase que ensurdecedor. Alguns apareceram de jet, e outros seguiram na remada, como Danilo e Marcio Freire, que buscavam descer assim o ingreme penhasco de Jaws. Shane Dorian, Twiggy Baker, Mark Healey e Greg Long foram os primeiros a chegar de jet-ski, por trás do pico, e lá se posicionaram. No total, mais de trinta surfistas atacavam as ondas, mas eram os galos da manhã que pegavam as melhores ondas. Shaun Walsh e Shane Dorian pegaram algumas das melhores ondas do dia. Durante as quatro horas seguintes, aconteceu uma das sessões de remada em ondas grandes mais incríveis já realizadas na história.

Shane Dorian: Skydive!

DESAFIO AOS LIMITES

O pico estava um desafio aos limites, oscilando da esquerda para a direita em ondas que quebravam na faixa de 20 a 30 pés, com o vento soprando forte, em séries que entravam a cada 20 minutos e davam a impressão que subiam até 50 pés. Um tom de coragem tomou os surfistas. Ondas cada vez mais insanas os colocavam em pleno voo, com drops no 'ar', em paredes que dobravam de tamanho quando estavam completamente de pé, prestes a cair como prédios engolidos por uma caverna. Havia quatro tipos de surfistas no outside de Jaws, sendo que todos rezavam entre as braçadas para que o vento não os segurasse na hora H. O primeiro grupo são surfistas que não têm pressa de pegar as ondas, e estão mais para se adaptar as condições e curtir o momento. O segundo são aqueles que ficam no limite do bowl, na saída da primeira sessão, buscando pegar as nem tão grandes, no rabo das ondas. O terceiro grupo são surfistas que estão lá dentro do oceano para elevar os limites do surf em ondas grandes e que vão colocar os padrões muito acima da realidade, com faces que vão subir acima dos 50 ou mais pés. E o quarto grupo se caracteriza pelos tow-surfers, que esperam fora d'água pela saída dos surfistas que estão pegando na remada. Yuri Soledade com certeza faz parte do terceiro grupo, surfando Jaws para a esquerda, empurrando os limites para alto. O brasileiro dropou uma onda extremamente perigosa. Ele dropou uma onda de 55 pés. "Quando eu estava no topo da onda, remando o mais forte que podia, o vento começou a me segurar no momento crítico, e voei de uma altura de uns 50 pés. Então ela me pegou numa queda que parecia ter segurado meu leash. Tomei um caldo casca-grossa. Meus ouvidos começaram a doer muito por causa da profundidade, que poderia chegar a uns 30 pés. Minha prancha me puxava para o fundo, e eu lutava para buscar ar. Quando cheguei à superfície, tomei uma série na cabeça e quase fui parar nas pedras. Deus sorriu pra mim e me salvou", disse meu amigo Yuri Soledade. O dia continuou com proporções épicas, e Lapo Coutinho pegou umas ondas inacreditáveis. Algumas vacas realmente rolaram pesadas, como uma tomada pelo brasileiro Carlos Burle, em que ele dropou junto do Danilo Couto, que dropou no ar, e Lapo, que desceu mais o rabo. Jaws nunca mais será a mesma, os jet-skis não vão mais governar o pico. A menos que seja épico em tamanho e totalmente fora de controle. Os surfistas da remada vão estar lá antes disso acontecer, e os caras de tow-in vão ter que encontrar um novo futuro. O dia 4 de janeiro de 2012 entrará nos livros da história como o dia em que o mito da invencibilidade de Jaws acabou de vez. A realidade é que não há limite para o que o homem pode realizar, se ele acredita em si mesmo e está disposto a elevar os limites.

Yuri Soledade deu um show na sessão. Pela manhã, surfou as bombas na remada.

À tarde, esperou o pessoal da remada cansar os braços e partiu com Carlos Burle para uma sessão de tow in. Jaws em dose dupla!

Foto sequência da imagem que abre esta matéria, com Lapo (prancha vermelha), Burle (wipeout) e Danilo Couto. Carlos Burle bem que tentou sair pelo tubo, mas Jaws mostrou que não tem piedade

CARLOS BURLE ENTREVISTA/DEPOIMENTO

Quando você apareceu no dia 4 de janeiro em Jaws, qual foi a primeira coisa que passou na sua cabeça ao ver tantos surfistas na remada no lineup?

Primeiro pensei nas ondas e em como seria minha abordagem. Quando vi a maioria dos meus amigos remando junto com muita gente da nova geração, fiquei feliz em sentir o quanto esse movimento do circuito mundial de ondas grandes tem influenciado o surf na remada.

O que aconteceu naquela onda em que você dropou junto com o Danilo Couto e o Lapo Coutinho?

Na posição em que eu estava, dava para passar por dentro do tubo. Por isso, tentei descer já direcionado para o tubo. Mas o vento segurou a minha prancha e eu perdi o controle no momento mais crítico da onda. Foi um wipeout horrível. Tive de subir à superfície escalando a cordinha de 15 pés. Não vi o Danilo, e no meio da minha queda foi que eu vi uma prancha vermelha descendo. Só vim saber que era o Lapinho depois!

Após presenciar essa sessão de drops aéreos na remada em Jaws, o que está por vir?

Melhores equipamentos e performances, com certeza. Vamos ter cada vez mais surfistas de talento surfando essas ondas, pode apostar.

Quais as suas impressões a respeito da nova geração que vem desafiando os limites, em especial Lapo Coutinho, que teve excelente performance em Jaws?

É muito interessante ver a nova geração do Brasil se destacando no surf de ondas grandes. Temos talento e já somos respeitados nesse universo. Fico orgulhoso quando falam bem dos brasileiros. Seja no circuito mundial (World Tour), nas ondas grandes ou em qualquer outra modalidade.

Você e o Edison de Paula foram dois dos últimos surfistas a esperar o final do crowd da remada ir embora, para começar com o tow-in. Como é experimentar as duas formas em Jaws?

Surfamos essas ondas há muito tempo e temos experiência para abordá-las na remada e no tow-in. Mas no final, minha abordagem em relação às ondas sempre teve a ver com estar feliz. Estou feliz em poder desfrutar ambas as modalidades. Acho muito bom que a remada esteja espantando os jets dos picos. É menos poluição e surfistas nos picos. Em contrapartida, os jets sempre vão existir, são essenciais para garantir a segurança do big surf, e ao mesmo tempo nos proporcionam momentos de diversão, quando as ondas estão 'incontroláveis'.

Quem você acha que puxou os limites na sessão?

Shane Dorian e Jeff Rowley são os caras que estão dominando melhor aquelas ondas. Vi muita gente pegando altas ondas. Mas gostei muito de ver a maneira como eles surfaram as ondas mais críticas. Os brasileiros fizeram a sua parte. Gostei muito de ver o Lapinho, que tem apenas 19 anos, surfando com muita atitude e também responsabilidade, sabendo dos seus limites.

Qual é a coisa mais especial que você se lembrará do dia 4 de janeiro?

Com certeza, do lineup com todos os amigos que estão participando desse movimento há vários anos. Foi um dia para celebrar a conquista desse movimento, o surf na remada! Agora, não tem mais volta!

LAPO COUTINHO, 19 ANOS - DEPOIMENTO

"O swell do dia 4 de janeiro entrou para a história como o maior já surfado na remada em Jaws. Foi o primeiro grande swell da temporada havaiana 2011/2012, e depois que os baianos Danilo Couto, Marcio Freire e Yuri Soledade 'abriram as porteiças' para o surf na remada, todo mundo queria provar o gosto dessa dádiva. Os melhores big-riders do mundo marcaram presença, e esperaram os 'mad dogs' abrirem o caminho no surf de remada para descerem do cliff e adentrarem o quebra-coco. Fui surfar com Danilo Couto e Marcio Freire. Entramos no mar, e estava muito grande, em torno de 25 a 30 pés. Fiquei observando do canal a performance dos baianos Marcio e Danilo por quase uma hora. E depois de assistir aos melhores drops que já presenciei na vida, como os de Dave Wassel e Yuri Soledade, resolvi me aproximar mais da área de ação. Peguei uma menor que me deu confiança e voltei para o outside. Na sequência, desci a onda de Danilo Couto, com Burle 'vacando' entre os dois. Tomei uma baforada animal. Voltei para o pico e tentei dropar outra bomba, que resultou no momento mais crítico da minha sessão, uma vaca alucinante que rasgou meu colete de flutuação. Sem o colete, resolvi sair do mar, e tive de enfrentar o quebra-coco de novo. Acabei quebrando as minhas quilhas, mas isso não importava mais nada, pois eu tinha acabado de surfar a sessão da minha vida." 🌊

Acesse antes do surf, depois do surf
e, se o seu celular for à prova d'água, durante.



A sua relação com o mar acaba de ganhar um upgrade.

Novo portal Ricosurf.com

O melhor boletim das ondas, notícias atualizadas diariamente, câmeras ao vivo, um timaço de colunistas, muito surf, esportes, música, os principais campeonatos e claro, as Beach Girls. Prepare-se para receber altas ondas de conteúdo!



NOVO!

#ricosurf



Rico surf.com
Sua onda começa aqui

Anuncie no portal RICOSURF.COM e fale com mais de 650.000 visitantes mensais.
Contato: (21) 2438-4096 | 2438-1821 | comercial.ricosurf@globocom

Rico de Souza rema de SUP em Waimea, mais uma temporada havaiana

DNA
por Rico
de Souza

A minha história no Hawaii

Legados para o esporte olímpico

O Hawaii é conhecido mundialmente pelas belezas de suas praias e principalmente pela potência de suas ondas, Pipeline, Sunset, Waimea... Minha relação com o North Shore transcende a minha própria existência. E agora, ao decolar voo rumo à entrada do surf nas Olimpíadas, que será o maior feito de todos os tempos do esporte, volto à minha própria história e às minhas origens de praia para lembrar os bons momentos.

É no Hawaii que o surfista ganha notoriedade. É lá que os homens se transformam em ídolos ou anônimos, que chegam ao estrelato ou ao anonimato. Para se tornar ídolo, a boa performance num Pipeline Master ou nas ondas grandes de Sunset e Waimea é fundamental. Participar e fazer um bom papel em Pipe muda a história. Já um mau desempenho naquelas ondas liquida qualquer carreira. Existe certa impressão, que o surf estipulou, de que para ser bom surfista Pipeline tem que ser uma obsessão. Remontei no tempo, quando em 1972 me tornei campeão brasileiro de surf. O título na bagagem e a vontade imensa de ir para o Hawaii me levaram a um programa de televisão da época chamado *O Céu É o Limite*, apresentado por Flávio Cavalcanti. Busquei naquela oportunidade um sonho, que era ir para o Hawaii. Queria ter a chance de ganhar

uma passagem aérea para os Estados Unidos. No programa, tive o grande privilégio de sentar ao lado do maior ídolo e herói do esporte brasileiro, o rei Pelé, que celebrava a marca dos 1.000 gols. E para minha felicidade, ganhei a passagem, que acabou 'patrocinando' minha ida para Califórnia, disputar o Mundial, e depois me levou ao Hawaii. No Hawaii vivi uma transformação, primeiro em ritmo de surf e contato com ondas grandes, e segundo ao vivenciar um intercâmbio muito saudável entre países. Senti-me muito bem ao representar o Brasil no exterior, e mais satisfeito ainda de fazer amizade e absorver novas vivências com surfistas como Michael Ho, Buttons, Gerry Lopez, Reno Abellira, Ben Aipa e Mark Richards. Fiquei hospedado em uma casa localizada próximo de Sunset, e compartilhei o espaço com surfistas como Peter Townend (1º campeão mundial de surf), Ian Cairns (um dos fundadores da ASP) e Mark Warren (da Quiksilver), outro amigo sul-africano e um peruano. Ali, já adentrei outro mundo. Ao mesmo tempo que pegava todas as referências e costumes de outros povos, começava a difundir o Brasil para o mundo. Nesta temporada de 2011/12, voltei a essa casa para buscar lembranças. E percebi, depois de mais de 100 viagens ao North Shore e meus 40 anos de surf pelo mundo, que esse intercâmbio entre o

Remontei no tempo, quando em 1972 me tornei campeão brasileiro de surf. O título levou-me a um programa de televisão chamado *O Céu É o Limite*. Busquei naquela oportunidade um sonho, que era ir para o Hawaii, e consegui. No Hawaii, senti-me muito bem ao representar o Brasil e fazer amizade com surfistas como Derek Ho e Mark Richards, Peter Townend, Randy Rarick, Ian Cairns e Mark Warren.

Brasil e o resto do mundo só está começando. Agora, o grande sonho é o Surf nas Olimpíadas em 2016. O Rio de Janeiro, que é a minha amada cidade, a Cidade Maravilhosa, reúne os melhores encantos para abrigar o esporte. O Rio me deu de tudo. E eu, no meu cotidiano, tento retribuir com muito esporte e boas atitudes junto do carioca, da família, das crianças e do meio ambiente. Receber os amigos é um grande prazer. O surf nas Olimpíadas do Rio será uma grande oportunidade de trazer mais investimentos ao surf e também buscar uma maior organização e estrutura de base para o esporte. Temos a grande oportunidade de difundir o surf por todo o Brasil e entrar definitivamente na sociedade. O Rio de Janeiro merece ter o surf nas Olimpíadas.

Aloha e boas ondas,
Rico de Souza

FORD

ARCH
BOLD

GLORY
DAZE

BIG Fun



Arnette
arnette.com

O surf é a vitrine dos 'reals feelings'.

O surf é de todos e pra todos.

como a garota que surfa de pranchão sob as cores douradas do Hawaii

SURF
ETERNO

por Taiu
Bueno

Surf, Sonho Olímpico

A vitrine maior para o 'real feeling'

Não é de hoje que essa questão da entrada do surf nas Olimpíadas é discutida entre os dirigentes do esporte. Todas as campanhas e pressões que foram feitas até agora para tentar colocar o esporte dentro de uma Olimpíada fracassaram.

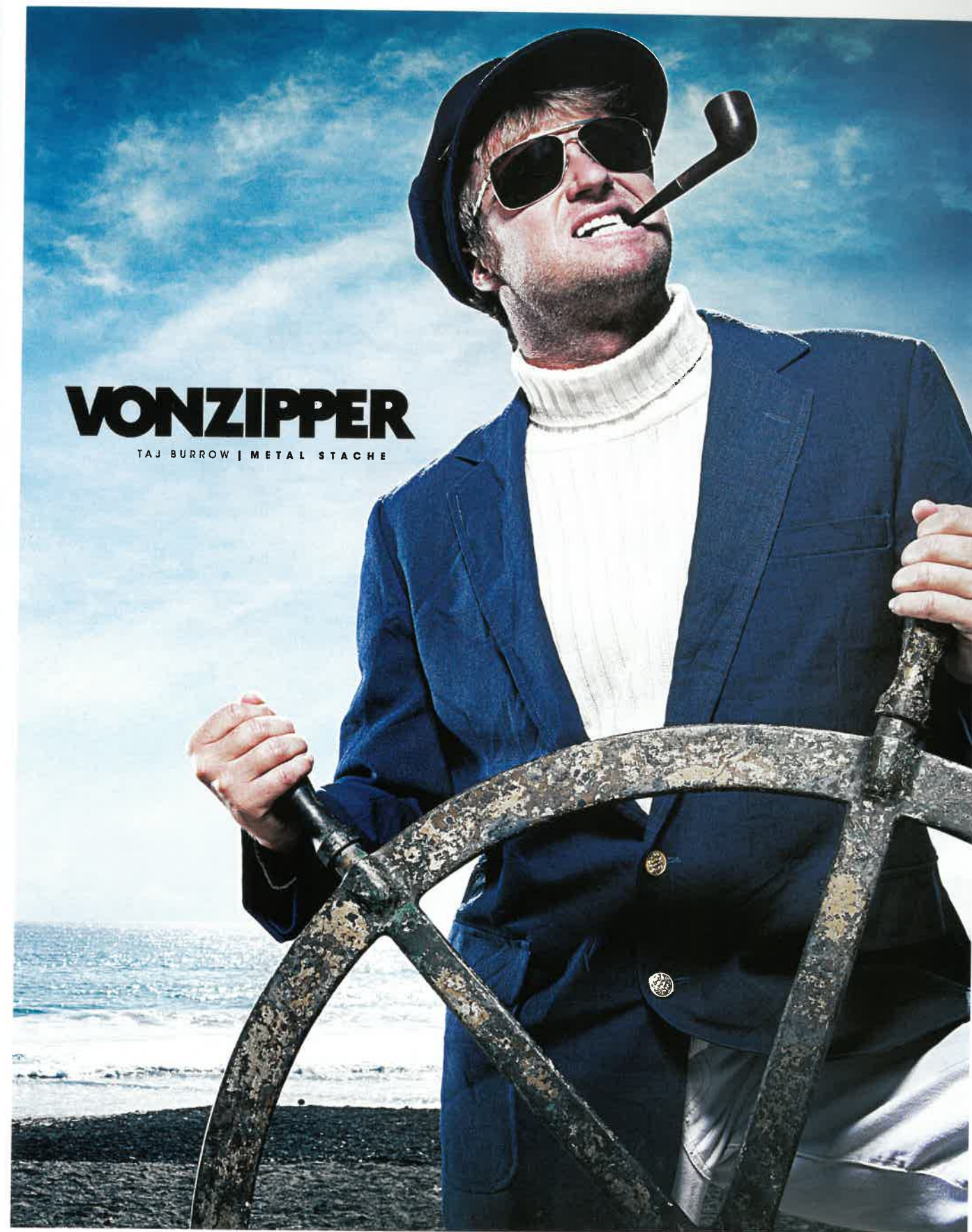
Com o Brasil no foco e a cidade do Rio de Janeiro como a sede das Olimpíadas de 2016, abre-se uma ótima oportunidade para acontecer o sonho de se conseguir levar o "esporte dos reis" ao estandarte olímpico. A impressão que tenho agora, conhecendo o plano e ouvindo os bastidores da ALMA SURF, é que esse movimento terá força total como nunca antes. O Rio de Janeiro tem todas as condições de promover uma competição de surf olímpica ou mesmo uma demonstração da arte de surfar. O esporte cresceu demais nos últimos dez anos, principalmente no nível técnico e de manobras futurísticas, que tem tudo a ver com a modernidade que buscam os 'novos' Jogos Olímpicos.

Hoje em dia o surf multiplica-se em diferentes targets, classes sociais e raças, pessoas de todas as idades e atividades profissionais e origens. A galera foi pra água, o surf se expandiu. O acesso está mais fácil. A prática do surf explodiu. E aquele período de discriminação ficou pra trás. Hoje em dia o surf não é mais coisa de hippie ou marginal, faz parte do mainstream e é respeitado como qualquer outro esporte. Com charme, mais 'cool'. Vejo que o maior impasse para a inclusão do surf como esporte numa Olimpíada está polarizado em duas questões. Primeiro, seria quanto ao formato da competição, que não poderia ser igual a um campeonato da ASP, por exemplo, com muitos dias de janela. Talvez no formato de tag-teams, criado pelo Brad Gerlach e que já foi usado nos X-Games, possa ter um encaixe melhor nos Jogos. O segundo obstáculo seria relacionado às localizações do evento, quando a sede das Olimpíadas não acontecer numa cidade litorânea. Tem a proposta compartilhada de piscinas com ondas artificiais, mas pra quem é da praia como eu... O Rio de Janeiro é perfeito! Se fosse também Sydney (como se cogitou...), Los Angeles, Lima ou Tóquio, ou qualquer parte do mundo que tenha praia e ondas, tudo bem.

Essa luta para elevar o status do nosso amado esporte está esquentando. Nas Olimpíadas do Rio de Janeiro, surge essa grande oportunidade para tornar o sonho realidade. Será a arte de pegar onda dentro do maior evento esportivo do mundo. Vamos torcer muito e nos envolver. Quem viver verá! Rio 2016 – Surf nas Olimpíadas!

Mas, e quando o evento acontecer em Dubai, Moscou, Dallas? Ou um fundinho artificial ou piscinas, não tem como escapar. Todos nós sabemos que o surf, para realmente despertar o interesse das massas, tem de acontecer em boas ondas. Se possível, nos melhores lugares, como Pipeline, Teahupoo ou Fiji. Mas aí estaremos totalmente fora de uma realidade olímpica, porque lugares como esses são para os melhores surfistas, o que deixa o confronto entre nações em segundo plano. Essa luta para elevar o status do nosso amado esporte está esquentando. Nas Olimpíadas do Rio de Janeiro, surge essa grande oportunidade para tornar o sonho realidade. Será a arte de pegar onda dentro do maior evento esportivo do mundo. Vamos torcer muito e nos envolver para que isso aconteça. Quem viver verá! Rio 2016 – Surf nas Olimpíadas!

Aloha
Taiu Bueno



VONZIPPER

TAJ BURROW | METAL STACHE



VONZIPPER.COM.....IT'S TWO SQUIRTS OF LONDON GENTLEMAN.....

.....WITH A DASH OF BLACK BEARD'S DELIGHT.....



STAR POINT
FOR REAL SURFERS

JACQUELINE SILVA
BEM VINDA DE VOLTA
AO WORLD TOUR 2012!

 www.facebook.com/starpointoficial

 www.twitter.com/_starpoint



Lojas Star Point

SP: flagship moema • sh.eldorado • sh.villa-lobos • sh.morumbi
sh.granja vianna • sh.bourbon • sh. park são caetano • sh. mooca • sh.mais largo 13
sh.dom pedro campinas • sh.iguatemi campinas • sh.colinas são josé • guarujá • sh.litoral plaza praia grande
PR: sh.palladium curitiba • maringá park.sh - SC: criciúma • sh.iguatemi Florianópolis • garten.sh joinville
DF: sh.brasília - RJ: barra.sh • norte.sh • sh.plaza niterói
loja virtual: www.starpoint.com.br • franquias 11 5053.4365





Ψ OSKLENSURFING